

Francisco de Olanda  
(1571)

# Da fabrica que falece a cidade de Lisboa

edição preparada por Alberto Cortês († 1918)

que agora publica

Vergilio Correia

(Del "Archivo Español de Arte y Arqueología",  
núm. 15.)

Madrid, 1929



Francisco de Olanda  
(1571)

# Da fabrica que falece á cidade de Lisboa

edição preparada por Alberto Cortês († 1918)

que agora publica

Vergilio Correia

(Del “Archivo Español de Arte y Arqueologia”,  
núm. 15.)

Madrid, 1929

*Tiragem de 100 exemplares  
numerados e rubricados*

N.º .....  
*J. Coriis*

# Da fabrica que falece á cidade de Lisboa

por Francisco de Olanda (1571)

Edição preparada por Alberto Cortês († 1918)

que agora publica

Vergilio Correia

## Duas palavras

Iluminador por gôsto e aprendizagem familiar, architector por vocação desenvolvida em contacto com os monumentos de Italia, crítico e historiador pela influencia erudita do meio em que se creara e vicejara, Francisco de Olanda, filho de um iluminador ilustre (Antonio de Olanda), nascido em Lisboa por 1518, é hoje dentro do campo da Arte, a figura mais conhecida internacionalmente do nosso seculo de quinhentos.

Apezar da sua obra plastica não ser abundante, e da sua obra literaria ter ficado manuscrita, e quasi ignorada até o seculo XIX, a figura de Francisco de Olanda, mercê da dedicação de alguns eruditos que puzeram em evidencia os seus escritos, alcançou ja cotação e consideração universaes.

Em Portugal foi Joaquim de Vasconcelos, o dedicado investigador e renovador dos estudos de arte portuguesa, quem tomou a sua conta a divulgação da obra manuscrita de Olanda, publicando edições do tratado *Da Pintura Antigua* com os *Quatro Dialogos em Roma*, e mais os outros tratados *Da sciencia do Desenho* e *Da Fabrica que falece á cidade de Lisboa*. Em Espanha a Academia de Belas Artes de São Fernando editou em 1921, a expensas do Sr. Conde de Romanones e sob os cuidados de D. Elías Tormo e D. F. J. Sánchez Cantón, a versão castelhana que Manuel Denis fizera em 1563 do tratado *De la Pintura Antigua*. Em Alemanha, França e Italia os *Dialogos* têm sido varias vezes traduzidos ou aproveitados.

Assim, o autor que não vira em vida nenhuma obra impressa, começou, tres seculos corridos, a ter uma publicidade com que nunca sonhara, apezar da convicção do proprio valor que possuia e manifestava.

Entre as obras de Olanda que maior interesse historico oferecem, conta-se o tratado *Da Fabrica que falece á cidade de Lisboa*, impresso pela primeira vez em 1879 «em edição critica segundo o autografo inedito de 1571» por Joaquim de Vasconcelos, constituindo o n.º 6 da colectanea *Archeologia artistica*.

A exegese e descripção do manuscrito ficaram então feitas definitivamente; mas faltava a reprodução dos desenhos com que Olanda acompanhara e ilustrara as suas considerações e lembranças. Tal falta procurou remedia-la um jovem erudito, que na Biblioteca da Ajuda, onde o manuscrito se guarda copiou o original e fez as fotografias dos desenhos, preparando o material para uma edição ilustrada e completa.

Chamava-se Antonio Alberto de Carvalho Cortês, nascera em Loanda, de paes portuguezes, em 18 de Dezembro de 1887, o novo compilador, malgradamente falecido em Lisboa em 6 de Outubro de 1918.

Engenheiro, bibliotecario do Instituto Superior Técnico, official miliciano durante a Grande Guerra, Alberto Cortês, como se assinava literariamente, foi dentro da sua carreira, e ainda no campo dos estudos archeologicos e artisticos uma esperança ceifada intempestivamente. Inteligente, ansioso de saber, magnificamente preparado, estava destinado a prestar grandes serviços à sciencia e ao seu país. Colaborou com o professor Giovanni Costanzo nos trabalhos didacticos: *Medidas das Massas-Balanças*, e *Calor*, e publicou um trabalho exclusivo, intitulado *A instalação hidro-electrica do «Porvenir de Zamora»* (1915). No campo historico interessavam-no especialmente as figuras de Francisco de Olanda, e do P.º Bartolomeu de Gusmão.

Deixou tambem preparadas as estampas para um volume sobre a *Torre de Belem*, as quaes eu publiquei em *Terra Portuguesa* n.º 39 (1924).

Tendo-me após o seu falecimento o pae oferecido as chapas fotograficas dos desenhos e a copia do manuscrito *Da Fabrica*, resolvi publicar tudo, julgando prestar um serviço à arte portuguesa e à memoria de Alberto Cortês, intuito que circunstancias diversas fizeram protelar até 1929; publica-se agora, numa lição correntia e acompanhada dos desenhos, esse trabalho de Olanda, que assim mais uma vez vem servir a boa causa dos relações culturaes luso-espanholas.

Por mim, agradecendo aliàs fervorosamente à direcção do ARCHIVO a hospitalidade concedida ao autor quinhentista, estou na altura de dizer: «de aí lavo as minhas mãos». A escrita e os desenhos são de Olanda; a copia e fotografias, de Alberto Cortês; o trabalho e as despesas, da Revista. Como guarda-joias que fui deponho contente o meu encargo.

Coimbra-XI-929.

# LEMBRANÇA

AO MUYTO SERENISSIMO E CHRISTIANISSIMO REY DÕ SEBASTIÃO

*Sobre a fortificação e reparo de Lysboa.*

Tem tanto cada hu de nos q̄ fazer e a fortaleza e reparo de sua alma, e no reyno da spiritual cidade della, q̄ bẽ podera eu disimular por agora de tratar da fortificação e reparo do reyno e cidade material de Lysboa, mas por não ser ingrato á gloriosa memoria del rey vosso avó q̄ DEOS tem, q̄ me mandou sendo eu moço a Italia ver e desegnar as fortalezas e obras mais insignes e illustres della (como fiz) trazendolhas todas e desegno, cõ muyto trabalho, cuidado e perigo meu, para o seruir quando comprisse: ja que por culpa do tempo nũca se aproueitarão de mi e muytas obras e q̄ podera seruir este reyno com o pi-queno talento meu, determiney ainda q̄ ando ao presente muy lōge destas cousas, de deixar antes de minha morte a V. A. muyto serenissimo rey e sñor esta breue lembrança da fortificação e reparo de Lysboa, q̄ tão pouca conta cõ isso tem, e q̄ tanto lhe releua, assi para o seruiço vosso, como para a quietação e paz destes reynos. e inda q̄ depois da morte del rey eu deixei quasi de todo as taes obras e o cuidado e etendimẽto dellas, não pude acabar comigo e uosso bẽaueturado tempo de deixarvos como artifice este seruiço por muy grãde, ja q̄ outros se não quiserão de mi: e q̄ podera aproueitar esta republica cõ a ordem do desegno. Assi por o q̄ desta arte ou sciencia me coube, como por ter visto cõ meus olhos, e medido e desegnado cõ minhas mãos, as milhores forças e fabricas, q̄ ha na Europa, nẽ e todo o Mundo. Por onde (se comprira ou ouvera para q̄), não deixara de cõpetir, cõ aquelle valeroso Dinocrates architecto de Alexãdre o Magno, quãdo querẽdo figurar o Monte Athon e forma de homem edeficou a cidade de Alexãdria, e Egipto. E cõsiderando eu quãto des-cõposta está Lysboa de fortaleza e quãto desornada do q̄ lhe muyto importa, sêdo ella a cabeça deste reyno, e a coroa della. V. A., esforceime, dar para sua fortificação e ornamento, esta lembrança a V. A. e a Lysboa ou para se seruir della e o presente, ou para o tempo q̄ está por vir.

## CAPITULO I

DA ANTIGUIDADE DE LYSBOA E DAS OBRAS Q̄ NELLA E E PORTUGAL  
FIZERÃO OS ROMÃOS, E DEPOIS OS REYS NOSSOS

De LVSV antiquissimo rey dos Brigos tomou o nome Lusytania. A que os antigos Gallos q̄ ao Porto vierão chamarão Portugal. e primeiro reynou

Tubal dos bisnetos de Noé é Spanha e Tago, q̄ deu nome ao nosso ryo TEIO. Depois afirma Julio Solino, e outros antigos, q̄ Vlysses vindo daguerra de Troya edificou Lysboa, q̄ foi quasi no tempo de Abydo rey de Spanha. E parece razão q̄ ja nos montes onde hoge Lysboa está assentada, deuião algus pescadores daq̄le tempo de ter algu vestigio de alguã pobre pouoação. Deixo a fábula q se conta do Mosteiro de Chelas, donde dizē q̄ Vlysses leou Achilles q̄ é trajo de molher, Tetys sua may, ali tinha escōdido e ecantado, o qual he fabuloso. Mas o q se tē por verdade q̄ Lysboa, quer a fundasse Vlysses, quer Hercules grego, quer outro capitão grego ou cartagines (por q̄ o certo não se sabe certo) que ella e mais antiga q̄ Roma. porq̄ Viriato, capitão portuguez jlustrissimo, e Sertorio romano, e Iulio Cesar, q̄ a Lysboa pos sobrenome de Felicitas Julii, todos a acharão ja feita antiga e velha mais q̄ Roma. e edificada por o SÑOR DEOS q̄ cō mais razão se pode dizer q̄ a edificou, mais q̄ os homēs. como aquelle REY e SÑOR a quē todas as cousas são presentes, muyto antes que seião feitas: q̄ a via ja é sua eternidade qual hoge a vemos chea de religião e sacramentos, e as marauilhosas obras q̄ della e nella e por ella avia de obrar e obra: assi contra os infieis, como cō os fieis. Neste tempo era Lysboa inda gentia e pagã e não conhecia seu verdadeiro fundador DEOS mas adoraua os idolos, como eu mesmo vi sendo moço pelo cipo do idolo Esculapio, é N. SÑORA da Porta do Ferro. e o cipo sobre q̄ estaua o idolo de Venus, q̄ está a santo Esteuão, e outros: e foi Lysboa gentia e pagã muyto largos años. s. do tempo dos bisnetos de Noé, é q̄ començou a idolatria, e de LVSV, e de Tago, e de todos os mais gentios reys despanha q̄ forão muytos, até o ditoso tempo de Constantino Magno, e do imperador Theodosio, é q̄ a IGREIA DE DEOS se dilatou, e começou a dar luz cō o nouo lume da FÉ, por todo o mundo, e a lãçar de Lusitania e de Lysboa as treuas da idolatria fora. E naquelle tempo q̄ (depois dos Cartagineses) os Romãos tomarão Lysboa por guerra, quando era gentia, a ornarão de muy nobres edeficios, fabricas, muros, conductos de agoas, estradas e pontes e de outras nobelissimas memorias a enobrecēdo e ornãdo, como se hoge é dia ve é algũa parte os indicios e vestigios e letras latinas e colunas e pedras, e cipos q̄ o demonstrão, e assi mesmo as estradas e pontes q̄ ião de Lysboa até Roma, como eu as vi. Lysboa era Colonia dos Romãos, e Escalabi, q̄ era Satarē, era Municipio, e Euora e Braga Augusta, e Salamanca, e Mérida Colonia, q̄ erão abas Portugal, como declara Plinio falãdo é Lusytania. e tabē o imperador Antonino Pio no seu itinerario o da a etender: e pois q̄ os gentios, sendo Lysboa gentia tãto a hōrrarã e os Romãos de tão longe sēdo estrangeiros tinhão cuidado dos seus edeficios e nobreza, quãto mais o deue fazer. V. A. e os cidadãos della. pois q̄ não tē outra cousa mais nobre é seus reynos, nē ha mais Portugal que Lisboa.

Hora depois q̄ os Romãos forão señores de Lysboa quasi seiscētos años, como mostrã as chronicas das memorias despanha, até q̄ os reys godos vierão tomar Espanha: e q̄ os godos ja christãos, e depois os mouros a senhorearão cō Espanha: e q̄ tornou a ser nossa: bē se sabe como el rey Don Afonso Anrriquez o primeiro rey de Portugal, a enobreceo con a fabrica da SÉ, e cō o Mosteiro de San Vicente de Fora, e outros edeficios e torres. E assi os outros reys todos: Don Dynis, Dem João de Boa Memoria, Dō João o segundo, q̄ fez a nobre



fabrica do Hospital, e outras. e o felicissimo rey vosso bisavo, el rey Dom Manoel, q̄ cō o triunfo e victoria da India quasi a renouou de todo, cercãda da parte do mar cō o Cais q̄ a rodea e Paços, muyto milhor do que polla terra a tinha cercada el rey Dō Fernando cō o seu Muro de argamassa, q̄ foi hũa grande obra. e assi mesmo cō o sũptuoso Moesteiro de Belem, e Torre, e cō a Misericordia. Hora el Rey vosso avó de gloriosa memoria, ¿quẽ duuida q̄ se o não atalhara a morte, q̄ ouvera de fazer grãdissimas obras e Lysboa?, como me dezia quãdo vim de Italia: assi na fortaleza do Castello, como e trazer a agua de Bellas como e outras muitas obras, o q̄ se pode bẽ cõgeiturar somete e o comẽço da fortaleza de S. Gião e dos Paços q̄ e Exobregas vos deixou começados para os. V. A. acabar, cō tudo o mais q̄ a Lysboa falece.

## CAPITULO II

### DA CIDADE DALMA PRIMEIRO E DE SUA FORTALEZA.

Avendo de tratar da fortificação da cidade material de Lysboa parece razão dizer alguma cousa primeiro do q̄ mais releua, q̄ he a redificação da cidade spiritual de nossa alma; porq̄ sẽ esta estar fortalecida e guardada, e vão trabalha quẽ vela e guarda Lysboa. Assi, q̄ muyto primeiro se ha de fortalecer e redeficar a cidade interior de nossa alma, q̄ a de pedra e cal exterior. e por isso deue cada hũ fazer o que mais lhe releua: q̄ he fortificar e defender a cidade de sua alma, e o reyno de seu spirito, guarneçedo e cingido suas tres potencias, Memoria, Entẽdimẽto e Vontade, cō o inexpunhavel muro da Fé viua, e Esperança segura, e Charidade perfeita, sobre a profunda caua da humildade e proprio conhecimẽto, contra as minas do Mundo, Carne e Demonio; e guardãdo e velãdo as portas de seus cinco sentidos: cõtra a morte q̄ e tra por ellas, vegiando de cõtino como de atalaya as altas torres da soberba de nosso coração, contra todo pecado e cõsentimẽto de culpa. fortalecẽdo os bastiães e castello do spirito e a torre da menagẽ da nossa mente cō o temor e amor de DEOS e cō o exercicio da oraçam mental, e cō os tiros e setas das jaculatorias armas, cō toda a mais armadura q̄ nos o Apostolo mãda armar. dando a chauce de toda esta fortaleza e cidade, ao sumo capitão q̄ he o FILHO do altissimo e eterno DEOS. e como a cidade de nossa alma assi fortalecida como digo, ainda que breue e ignorantemete, e tão podemos seguramete tratar do q̄ he muyto menos, q̄ he de reparar e remẽdar a cidade de Lysboa. q̄ tanto o merece de seus cidadãos e vereadores.

## CAPITULO III

### DO CASTELO E BASTIÃES E MUROS q̄ CÕVẽ A LYSBOA.

Hũa cousa notei entre todas, nas cidades de Italia q̄ são as mais fortes e tẽxpunhaveis de Europa, e he q̄ non ha nenhũa, des a inclita e nobilissima cidade de Roma até a menor fortaleza de Ciuita Castelana, q̄ não tenha hũ forte cas-

telo ou fortaleza a q̄ elles chaman Roca, donde se recolhão e defendão do jmgio no tempo da guerra. Não curo de fallar e Constantinopla, nē na fortaleza de Gante, nē de Envers, e Frandes, que são ambas fortissimas, porq̄ as não vi: mas fallarei do q̄ vi e desegnei por minha mão. e digo q̄ Roma, de que se deue tomar e tudo o primeiro exemplo nas obras de vertude, como cabeça da catholica IGREIA, tem o bastião no Monte de Santa Sabina, q̄ fez o Papa PAVLO III, creio q̄ por desegno de Antonio de São Gallo, architector iminentissimo; o qual se tē ser a mais fortissima e bē feita fortaleza q̄ ha e todo o mudo: e este não he feito de pedraria (como costumão fazer os q̄ pouco de fortalezas etendē), mas he todo feito este bastião, ou baluarte, de tijolo cozido muy piqueno, e cō muy pouca cal composto, e todos seus largos muros e reparios; e assi são feitas do mesmo tijolo e não de pedra, todas as milhores fortalezas de Italia; porq̄ tē a pedra por obra muy fraca para a bateria das bōbaldas. E este exemplo de Roma baste por todos, para fazermos nos tabē e Lysboa o q̄ faz a Santa Madre IGREIA, e fortalecer sua cidade ou cidades. Nos lemos assi mesmo e a Sagrada Escritura como Dauí sēdo sãto rey, e tendo mais sua fortaleza e DEOS q̄ e paredes nē castellos de pedra e cal, q̄ todavia fez fortaleza e castello e o Monte de Sion fortissimo: de q̄ pendião mil escudos de metal, e mil armaduras de fortes.

E vemos q̄ Lysboa não tē fortaleza nē castello de q̄ se defenda de seus inimigos q̄ nuca faltão e o tempo de guerra; e pois cō estes dous exemplos do Testamento velho e nouo se conhece quãto he licito, e quanto releua a Lysboa ter fortaleza: V. A. muyto serenissimo Rey e Señor a deue de mādaz fazer fortissima e inexpunhavel: e o lugar do Castello Velho. onde el Rey que DEOS tē a diuera fazer. metendo dētro della o Monte de N.S.ÑRA da Graça. e o de N.S.ÑRA do Monte, donde Lisboa se pode bater e tomar e tempo de cerco; de q̄ a DEOS guarde. E assi mesmo por seus vereadores deve de mādaz cercala toda de novos Muros (inda q̄ isto mais he obra de V. A. q̄ não sua delles) e de nouas e fortissimas Portas, ou, ao menos, reparar e remēdar os velhos (o q̄ não faria), cō lhes fazer bastiães do seu nome, reparios e caualheiros muy fortes. Pois q̄ dezia el Rey vosso avó quãdo lhe DEOS deu o nouo nome de S. SEBASTIAM, q̄ BASTIAM queria dizer e significaua Castello forte.

Porq̄ não terá Lysboa fortaleza pois q̄ he tão nobre e prestuosa çidade. assi como tem Milão, Napoles, Florença, Ancona, Treviso, Genoa, Pesaro, Ferrara, Niça, e outras menores cidades q̄ ella, e q̄ não dominão Oriente nē Ponēte como Lysboa?: e pois q̄ Lysboa não tē nenhũa fortaleza se lhe acontecer hũ trabalho de guerra, e se dizē os que pouco sabē e cōsi[de]rão q̄ não ha mester Lysboa fortaleza, porq̄ a fortaleza della são os portugeses; a isto respōdo, q̄ NOSSO S.ÑOR HE SÓ sua fortaleza, e q̄ mais fortes foram Jerusalem e Roma e Costātinopla e Cartago, as quaes forão até o fundo quasi assoladas. Por isso ninguē se engane cō suas prestuosas Indescrições e pouca prudencia: pois vemos que os Santos, Reys e Papas costumão fortalecer suas cidades. Assi q̄ ja q̄. V. A. mada polo Reyno fazer nouas fortalezas e pola costa do mar, como he muyto de louuar: mande tabē fazer a Lysboa sua fortissima fortaleza de bastiães, portas e muros, pois q̄ he cabeça de todas, conforme a este desegno, ou a outro milhor.

## CAPITULO IIII

## DA FORTALEZA DE BELEM E SANGIÃO E BALUARTES.

Com o mesmo cuidado e providência q̄ a Cidade de Lysboa deve ser fortalecida de nouo castello e de muros e torres, e portas e baluartes e de bastiães, ao modo das fortalezas modernas, q̄ hogue se costumão por toda a christãdade. e se posiuel for cercada toda de nouo e forte muro: inda q̄ os velhos que lhe fez el Rey Don Fernando, sejão ao seu modo honestamēte fortes pola boa argamassa e etulhos q̄ tem (q̄ foi a milhor obra q̄ nenhū Rey fez e Lysboa depois das Igrejas); assi mesmo deve de ser fortalecida, repairada e acabada a fortaleza de Belem e a de São Gião; pois que tẽ tãto custado sem estar bẽ acabada; e isto, cõ algũs baluartes fortes que lhe respondão da outra banda da Trafaria e da Area da Adiça. s. hũ defronte da Torre de Belem, onde está a Torre Velha, e outro defronte de S. Caterina de Ribamar, q̄ he a mais segura fortaleza de Lysboa, ali onde acabão os montes Dalmada e começam a Area da ponta da Trafaria ou Cachopo; ou se possiuel for, avendo pedra ou fundamēto seguro, podiasse fazer este baluarte no meo da cabeça onde arebenta o mar dos cachopos, q̄ responde mais fronteiro a São Gião, o qual, podendo ser, seria cousa fortissima e q̄ muyto ajudaria a defender a Barra de Lysboa de todo perigo q̄ por ella lhe pode fazer dano algũa hora; e estes taes baluartes avião de ser rasos e baixos e fortissimos e feitos não de pedra e cal, mas de tijolo cozido muy delgado e forte q̄ he muyto mais seguro. digo do embasamēto ou pe do baluarte para cima q̄ deve ser de pedra lioz, os quaes baluartes ou bastiães podẽ ser cõformes a este desegno, Jnda q̄ a forma seja piquena por nao caber e o lyuro mayor.

## CAPITULO V

## DOS PAÇOS DE ENXOBREGAS E PARQUE.

Muitos dias ha Sñor que desejo dar esta lēbraça a. V. A. de palaura e não por escrito, mas ja que vejo poucas vezes. V. A. lēbrarlheej o q̄ deuo e sou obrigado, sē adulação nẽ fingimento. e ja q̄ os outros q̄ mais sabẽ nisto de descuidão: eu q̄ de todos menos etendo, como jogador dẽxadres q̄ muito melhor vé os laços e perigos de fora, q̄ os que estão cegos no jogo jugando (por onde as vezes fazẽ muytas cegueiras) bẽ assi eu ainda q̄ ante os do vosso cõselho ou a quẽ isto toca, sou muy fraco e jgnorãte jogador deste jogo de discrição: como quer q̄ ao presẽte estou de fora vendo jugar os milhores jogadores, nao deixarej siquer por acenos ou gemidos de lēbrar algũs lanços deste enxadrez do vosso Reyno, e q̄ sñor vos não vay pouco a vos nẽ aos vossos. e não porq̄ eu de arrogãte cuide que vejo mais q̄ os outros neste jogo, pois q̄ como dixẽ e o começo deste caderno, tenho tanto q̄ fazer e repayrar a cidade e fortaleza da minha alma q̄ escusado me será tratar doutras fortalezas e cidades alheas de pedra e cal, que

perecē. Mas forçado da razão e do q̄ vi por outros Reynos (porq̄ o ver muyto jnsina). e tãbē fauorecido do ocio do lugar ē q̄ viu o mais do tempo no cãpo, aquilo q̄ noutros seria virtude he ē mi ousadia, mas cõtudo piadosa e de fiel e bõ vas salo; por onde sē me guardar doutras malicias deste tempo, não deixarej de dizer o q̄ ĩprendi e tenho começado.

Lembreme q̄ el Rey vosso Avó, de bēauēturada memoria, depois de muyto tempo andar ē Evora, e Almeiry, e noutras partes, finalmēte determinou de se aposentar ē Lysboa. e para isto fazer escolheo o sityo de Emxobregas ĩtre aquelles dous deuotos Moesteiros, polo mais escolhido e mais liure lugar e da melhor vista q̄ ha ē Lysboa. Em q̄ comēçou hūs Paços, os milhores de Portugal (jnda q̄ cõ algũas imperfeições, ou descuidos no desegno) q̄ por sua morte não ficarão acabados. E tãbē me lembra o grãde cõtentamēto cõ q̄. S. A. me daua conta e razão da architectura de tal obra, e das grãdes cousas q̄ sobrella cõ elle passej. E vejo q̄. V. A. não tē casas ē Lysboa dinas de sua pessoa, por onde hora mora na Ribeira, hora nos Estaos, hora ē.... Velhas q̄ não são lugares de Rey, sē ter onde reclinar a cabeça nesta grãde cidade: q̄ avia de ser como domicilio seu, e como hũa cadeira ou almofada, onde viesse descãssar e recolherse das importunas calmas dAlmeiry e Saluaterra, e tãbem das trovadas e invernos da Serra de Syntra. E vemos q̄ os lauradores do cãpo e os pastores do monte tē suas choças e cabanas ē q̄ de seus trabalhos descãssão de nojte e ē q̄ respousão de dia. e q̄. V. A. não tē nesta sua cidade nē (estou ē dizer) ē todo seu Reyno, hũas casas ou Paços nē para viver solteiro, nē para descãssar sendo casado, podēdo ter as milhores do mũdo; porq̄ ja ē o Castello de Lysboa q̄ he hũ sityo de vista e ares eycelente, e escolhido por tal dos reys vossos antepasados, pode V. A. e deue ter hūs jlustres Paços, dentro ē a fortaleza que digo; cõ hũa capella pintada, e cõ salas e camaras de estuq̄ ou pintadas sobre bordo, ou a fresco: como he custume dos reys antigos e modernos; e se lhe parecer muyto ter dobrados Paços, ou ser pesada Lysboa, de ser amigo da liberdade do campo e da caça do monte; acabe V. A. os Paços de Enxobregas, q̄ são muyto para isso; e se tiver saudade do monte e da caça (ē quato he obrigado a ter conta cõ Lysboa e cõ sua corte) çerque mea legoa de terra dali até Chelas e até alē de S. Bento, e faça hũ parque; cõ muytos porcos, e veados, e aues, e matas, e aruoredos, e fontes, e casas de prazer m<sup>to</sup> milhores q̄ as que fez ē Fontenbleo el Rey de França; q̄ tudo pode ter dentro. [e se lhe a cerca parecer grãde, ou custosa, dea aos Frades Jerónimos q̄ elles a cercarão ē breue tempo]. *Isto riscado, e na margem:* [Dezir isto me arrependo por q̄ custumo muito nũca murmurar dos Relegiosos q̄ muito honrro, e estimo grãdemete, como elles sabē.] e acabe os Paços dEnxobregas magnificamente, antes q̄ de todo se percão, assi e da maneira q̄ os ouvera de acabar el Rey seu avó cõ muyta magnificēcia: si quer por não deixar perder e ē parte desautorizar o cõselho e determinação q̄ nelles mostrou. E eu ainda q̄ ando ja fora de pinturas, pois de tão pouco seruē neste tempo, lhe quero jnda fazer os desegnos para as heroicas pinturas e para todo o mais ornamēto de tal obra. e tabē para todas as fortalezas e templos desta cidade ē forma mayor. e para tudo o mais ē q̄ seruir a ordē do meu desegno, ē q̄ todas as obras das fabricas cõsistem. E acabe. V. A. os Paços dEnxobregas q̄ tē melhor sityo e mais real q̄ Sãtos e muito mais escolhido e liure q̄ todos

os outros de Lysboa. e fora das jmortunações della. entre dous Moesteiros nobelissimos, principalmente o da Madre de DEOS, cõ lhe naçer a aurora e o sol cõ os primeiros rayos sobre o Mar do meo Dia, e sobre o Ryo Tejo, cõ as barcas. e cõ ortas e jardins da parte do Norte, para nũca poder ter efadamẽto e quãto lhe for forçado estar quieto e as obrigações de seu estado. Que se V. A. tivesse Paços quaes deuia de ter e Lysboa e quaes eu entendo, eu tenho por muy certo q̄ se não efadaria nella tãto. Tenha. V. A. siquer hũas casas reaes neste Reyno, nesta cidade ou fora della, q̄ as não tem, como são as dos outros reynos, onde possa estar sã desquietação nã efadamẽto, o q̄ nace (como digo) de não tellas; e quãdo seẽ fadar nellas, não somẽte va cõ poucos caçar a Almeirym, e a Syntra; mas, va tabẽ ao campo dOurique e do Algarue q̄ jnda não vio, e passe a Africa, e tomea, e triunfe della, e torne cõ o despojo a descãssar e Lysboa; e tenha casas para jssõ, q̄ as não tẽ, q̄ por isso se efada nella: e não darã sua ausencia tanto trabalho a este Reyno, e oppressão a sua corte, nã aos pobres, e teremos quietação para o seruir e vida, q̄ a não temos se elle. e V. A. se efadamẽto terã tabẽ vida e saude e quietação, principalmẽte depois q̄ gozar da suaue vida de casado, a qual lhe nosso altissimo DEOS dee tã bẽaueturada como todo este Reyno lhe deseja.

## CAPITULO VI

### DAGOA LIVRE

Outra lembrãça dou a. V. A. e á cidade de Lysboa q̄ he esta. Nos vemos que as cidades antiguas depois dos templos e das fortalezas, e muros, e paços, a cousa e q̄ se mais esmerarão foi e o trazer as fontes das agoas por grãdes arcos, e canos, e conductos ás suas cidades. Como se ve na cidade onde foi Carthago e na de Roma, q̄ bebẽdo todos vinho, trazião trinta conductos de agoas, grãdes quasi como ryos, ou ribeiros, a ella, por trinta partes de longe da cidade; cõ passar o ryo Tybre por meo della, como se ve na Porta Mayor, e por todo o campo de Roma, q̄ parece todo cheo de danças darcos, q̄ trazião as agoas hũs por cima de outros. E Lysboa, onde todos bebẽ agoa não tẽ mais q̄ hũ estreito chafariz para tanta gente, e outro para os cauallõs: ¿por vëtura, he menos Lysboa q̄ Mérida colonia q̄ trazia, passandolhe o Diana polos muros, as suas agoas polos altissimos arcos que jnda hõge parecẽ? ¿he menor que Segovia onde hõge e dia se vẽ os dobrados arcos hũs sobre os outros de pedraria muy forte? ¿He menos nobre que Carthago?, de que me dezia o jnfante Dõ Luys, vosso tio, q̄ erãõ os pegões dos canos e arcos, por onde de cinco legoas trazião a agoa a Carthago, tão altos, como altissimas torres e tão fortes? ¿He menos que outras muitas cidades antiguas q̄ não nomeo? Dirã ella q̄ não. Hora se Lysboa tẽ a prestuçãõ da mayor e mais nobre cidade do mundo, ¿como não tẽ o mais excelente templo, ou Sé, do mundo? ¿como não tẽ o melhor castello e fortaleza e muros do mundo? ¿como não tẽ os milhores Paços do mudo?, e, finalmente, como não tẽ agoa para beber a gente do mudo? E pois el Rey vosso avó trouxe a Euora a agoa da Prata, perdida do Tempo de Sertorio, Capitãõ romano, q̄ a

trouxe haquela cidade e de nouo a ella restituida por el Rey, cō q̄ a cidade he m<sup>to</sup> mais sadia e enobrecida do q̄ era dantes, por onde merece el Rey, q̄ DEOS tē, muyto louuor; tãbem. V. A. o deue nisto de imitar, pois não he menos animoso e magnifico; e deue de trazer a Lysboa AGOA LIVRE, q̄ de duas legoas della trouxerão os Romãos a ella, por conductos debaxo da terra sotteranhos, furãdo muytos montes e con muyto gasto e trabalho, não sendo Lysboa sua; afora outras agoas q̄ trouxerão a ella tãbē muy de porposito como se querē e elles fazião as taes obras. E ali ètre duas penedias asperissimas de dous mōtes fizerão hū muro larguíssimo e forte, q̄ lhe represaua á agoa de hū vale e hūa lagoa ou estanque e q̄ dizē que trazião por seu pasatempo galé e bateis, como se ve hoge e dia na parede e sitio q̄ era possiuel. E ganhe. V. A. esta hōrã da fazer este beneficio a Lysboa (ou lho faça fazer) de restituir esta fōte de Agoa Livre, q̄ assi se chama, a esta cidade q̄ morre de sede, e não lhe dão agoa. Daquol obra eu fiz a el Rey vosso avó hū desegno para a trazer ao Resio por quatra alifantes, ao modo deste desegno. q̄ el Rey muito desejou fazer antes de sua morte, e o infante Dō Luys me dixeu que desejaua trazerse esta agoa á Ribeire para a tomarē as naos da India, siquer por hu dos alifantes.

## CAPITULO VII

### DAS PONTES E CALÇADAS PUBLICAS DE LYSBOA

As obras da magnificencia do edificar pontes e as calçadas ou caminhos publicos, ainda q̄ he propio o seu cuidado e officio dos vereadores de Lysboa, saiba V. A., muy poderoso rey, q̄ não he de outrē mais q̄ dos grandes reys e eperadores, e por isto he de V. A. tanto como todos. Mostrasse isto muyto visto polas grandes memorias q̄ inda o tempo cō sua malicia não pode gastar, nas magnificas pontes q̄ nos deixarão os imperadores de Roma: não somēte na sua cidade e por toda Italia e Alemanha, como se ve no Ryo Hystro e noutros; e assi mesmo, na Ponte Du Gar e França e noutras infinitas q̄ deixo de memorar; assi no Mar dosco Bayano, q̄ eu vi, como outras muytas. Mas ainda neste reyno de Portugal, não sēdo legitimamēte seu, fezerão os Romãos para nosso uso ilustres e famosas Pontes, a primeira das quaes (pois q̄ estamos tão perto) foi sobre o Ryo de Sacauē, como se vē claros e manifestos o começo e o fin della; e esta deue. V. A. mādã redeficar por q̄ he proueitosa, e tabē para passar por ella a Corte sē o rodeo de ir ao Tojal. Fizerão outra ponte sobre o Ryo Tejo, e Satarē, tabē de muyta importacia e vesse a memoria della nas junqueiras onde chamão a Torruja, diriuado de frãces (quãdo os fraceses tiuerão Santarē, no tempo de Carlomagno) de Torre Roxa. por q̄ era o pegão da ponte de tijolo vermelho.

Fizerão outra Ponte magnifica, acima d'Abrãtes onde estão os pegões e mōtes de pedra, e esta quisera redeficar o Infante Dō Fernando q̄ DEOS tē, segudo dixeu a meu pay Ant<sup>o</sup> Dolanda tãbē q̄ DEOS tē. Mas destas não curo de dar o cuidado da sua redificacão a V. A. nē aos vereadores de Lysboa, mas seja do provedor de Santarē J<sup>o</sup> Homē Dolanda meu irmão, cō as outras q̄ lhe V. A. mādã polo Reyno edificar. Mas temo q̄ não sejão tão fortes como erão as anti-

guas, nē como a q̄ fez Iulio Lacer lusitano na ponte Dalcantara, sobre o rio Tejo, q̄ me certificou P° Sanchez, q̄ he da q̄la patria e por isso muyto bõ portu- gues e por sua vertude e letras: q̄ he tão alta a ponte Dalcantara q̄ bē pode hu piq̄no navio passar por baxo dos arcos sē detrimēto nē tocar cõ os lados nē masto na volta do arco. ao menos Iulio Lacer, architector della, diz ē hūs versos q̄ ali estão q̄ a fez para durar até o fim do mūdo. E tornādo a nosso propósito. V. A. deue de dar o cuidado destas ēpresas e obras de Lysboa a quē as entēda sē escaseza e a quē se preze dellas; assi como fezerão os antiguos Imperadores, dando o seu cuidado e officio a grādes pessoas, q̄ elles chamauão Triumviri Viarum Curādarū. como se vē ē muytas pedras antigas e moedas e no termo Dévora ē Nossa SÑORA Datourega. E logo deuē de ser edificadas nouas pontes, ou redificadas as q̄ fizerão os Romãos ao redor de Lysboa, como a de Sacauē e outras. E quanto ás estradas ou calçadas de q̄ Lysboa está tão descalça, so isto lhe darey por exemplo, para q̄ ella saiba o que deue fazer, e se fazē pouco caso das descalças calçadas q̄ a Lysboa vão e vē, saibão q̄ jmporta tato a quē disso tē o cuidado, q̄ a mayor obra q̄ os homēs antiguos fizerão nē os modernos farão, são as calçadas de pedra preta que elles chamauão scilice q̄ de todo o mūdo yão parar como ē centro no meo da praça de Roma a par do Coloseo ou Anfiteatro onde estaua hūa meta que se chamaua vmbilicus vr̄bis.

E não podera eu crer esta cousa se quādo parti de Lysboa indo a Roma, logo ē sacauē não achara a via romana e a ponte q̄brada no Ryo, e nas charnecas de Montragil ali onde chamão as Mestas, as calçadas de scilice, e ē Castella nos barcos d'Alconete e na antigualha de Capara. e depois ē Aragão, Lérida e Cata- lunha; e depois ē França na cidade de Nimis, onde está o famosissimo amphi- teatro e memorias dos antiguos; e depois ē o foro de Julio ē Proença e ē Antibo e nos Alpes e porto da Lyguria e Toscana, sēpre achādo a mesma calçada q̄ achej sayndo de Lysboa até ētrar ē Roma. E isto direi neste negocio, q̄ a mayor obra q̄ os homēs fezerão, nē farão no mundo publica, nē nas Pyrames do Egypto, nē ē o Mauseolo de Helycarnaso, q̄ fez Artemisia, não se fizerão mais grādes nē proueitosas obras, q̄ as q̄ fizerão os Romãos nas calçadas e pontes de todo o mūdo, ē Asia, e Africa, e Europa. sēpre continuādo cõ calçadas e pontes, por altissimas serras e montes e lagunas e valles, como se ve ē Portugal na Serra do Jeres, alē de Braga, e ē outras muytas serras e promotorios q̄ estão por todo o mūdo. por onde os vereadores de Lysboa não deuen de ter por mal ēpregado remēdarē siquer as calçadas e pontes q̄ os antigos fizerão ao redor de Lysboa, q̄ disso se estão queixando. Para cujo efeito, lhes dou aqui o desegno destas pontes para redificarē a de Sacauē e as outras do ryo Tejo. E esta he a Ponte d'Alcātara de Castella, q̄ foy Portugal, sobre o mesmo ryo Tejo.

## CAPITULO VIII

### DAS CRVZES E MILIARIOS

Nam deixarey de lembrar mais a V. A. e a esta cidade e reyno, q̄ deue ter muyto mayor cuidado das CRVZES de pedra q̄ se poē ē, os caminhos e lugares

publicos, tirando as de páo q̄bradas e velhas, e q̄ muytas vezes ficão sē ser o q̄ são cō os braços q̄brados, principalmēte ao redor desta cidade de Lysboa. de q̄ me muyto espāto de homēs e cidadãos para tāto, terē nisto tāto descuidol Não fez assi o muyto catholico e prudentissimo Cardeal, vosso tyo, e a cidade de Euora: q̄ de CRVZES de marmor de Estremoz ornou todas as etradas e saidas daquela cidade: o q̄ não faz Lysboa. Hora, pois, não seja assi: mas mãe V. A. cō muyto cuidado q̄ e todas as etradas e saidas de Lysboa (e ajnda por todo Portugal) se fação fermosissimas CRVZES de marmor, ou pedra vermelha, e cō letras na vasa q̄ esine os Miliarios, ou Legoarios das legoas, para saberē os caminhātes os caminhos e legoas q̄ andāo. Pois q̄ não he pecado algu imitar os antigos, (por cujas leys nos governamos e regemos) tabē e a pulicia e regimēto de ornar as obras públicas e sua perfeição, assi nas fabricas das pontes e vias, como tanbē nisto q̄ os Romāos soyão fazer e as vias romanas q̄ digo, q̄ yão e calçadas de pedra scilice de todo o Mundo a Roma: e costumavão elles a por de legoa a legoa hũa columna ou pedra cō letras q̄ dezia e latim as legoas para saberē ser ecaminhados os caminhantes, q̄ todos sabiā latim até e Portugal. e para não errarē os caminhos, como se ve etre Euora e Beja sē letras; e cō letras e a Serra do Jeres, e nos padrões q̄ dela vierão q̄ estão e Santa Ana de Braga, e nas Vendas de Capara e Castella, e noutras partes. E podiamos nos fazer o mesmo, pondo e lugar de columnas as CRVZES de pedra cō letras q̄ jnsinassē os caminhos e legoas, principalmēte ao redor de Lysboa. E ja que não sabemos todos latim, ao menos e portugues; e podiam ser as CRVZES a esta proporção: hũa na porta da CRVZ alē de S. Clara, no Canto do Valle de Manuel Coresma, onde está hũa de pao; outra á porta de N.SÑORA da Graça, onde está outra de pao; outra á porta de Santa Ana; outra á porta da Anúciada a Andaluzes; outra á porta de S. Roque; outra no caminho de Belē, e as outras mais longe, ás legoas, onde faltarem.

## CAPITULO IX

### DOS CIPOS DO SOL E LVA

Outra memoria de basas dina de lembrar e de imitar dos fieis, fazião os antigos e jnfieis, como eu vi, quādo me o Jnfante Dō Luys, vosso tyo q̄ DEOS tē, leou a mostrar a Serra de Syntra, māandome para isso chamar a Lysboa, quādo vim de Italia. e vimos e a foz do ryo de Colares, prezada e outro tempo dos romāos, sobre hũ piqueno outeiro junto do mar Oceano, hũ circulo ao redor cheo de cipos e memorias dos emperadores de Roma q̄ vierão aquele lugar; e cada hũ punha hũ cipo cō seu letreiro ao SOL ETERNO E A LVA a quē aquele promotorio foi dos gentios dedicado. o q̄ nos spiritualmēte mudādo podemos cōverter e os cipos ou ebasamētos dos pés das CRVZES q̄ digo, e louuor e memoria do verdadeiro SOL de justicia IESV CHRISTO, e da verdadeira e sempre chea da sua graça. S. MARIA. N.SÑORA; como se pode cōsi[de]rar deste desegno.



## CAPITULO X

## DA IGREIA DE S. SEBASTIAM

Como não temos diante do altissimo DEOS outros meynos, mais nossos, q̄ por seu FILHO, e por N.SÑORA, o rogo dos seus Anjos e Sãtos cõ muyta razão deue de hõrrar muyto a cidade de Lysboa o glorioso martyr S. Vicente, seu padroeiro, e o glorioso S. Antonio, seu cidadão, e os gloriosos martyres S. Verissimo e suas jrmãs, seus auogados; e cõ muyta mais razão ao glorioso e triunfal caualeiro e martyr de IESV CHRISTO. S. SEBASTIAM, por q̄ alẽ das altissimas mercês q̄ por meo do seu braço e reliquia N.SÑOR tẽ feito a Lysboa, depois q̄ a ella veo, guardadoa coreta años da peste e depois de agora ferida e castigada, restituindolhe tão milagrosamente a primeira saude, o q̄ não podia fazer senão a mesma mão poderosa de DEOS q̄ a tinha castigado, de q̄ seja infinitamete louuado, polo meo do seu santo q̄ foi nisso nosso jntercessor: somos lhe todos ẽ grandissima obrigação por q̄ nos tẽ dado de seu glorioso e nouo nome tão milagrosamete a vos Senhor e Rey Nosso Dom SEBASTIAM. como hu bastião e castello forte cõtra nossos jnimigos; e por isso, somos e seremos sẽpre obrigados a reconhecer e agradecer esta diuida a este vosso santo, e novo protector dos portuguezes ante a diuina magestade. Polo q̄ muyto ẽ comẽdo e lembro a V. A. ja q̄ cõ tanta razão lhe faz cõ Lysboa templo e casa do seu nome no sitio q̄ tẽ começado; q̄ lha faça ornar e fazer e acabar cõ tãta perfeição e cuidado, q̄ se não queixe diso este meu liuro: e ja que eu não lembro a V. A. nẽ a Lysboa, nẽ lembrei, nẽ para o escolher do sitio, nẽ para fazer o desegno da traça ou architectura, nẽ para lhe escolher o Mestre (como homẽ avido por inutil) sendo tudo isto meu ofiço: ao menos não se esqueça disto q̄ digo, nẽ da pintura dos retaulos, e jmagẽs ẽ q̄ vay muyto. Por q̄ saiba V. A. certo e os q̄ governão Lysboa q̄ inda q̄ as paredes sejão de marmor ou de prata desta noua IGREIA, q̄ se as imagẽs e a pintura e ornamento forẽ tão pouco escolhidas, e por quẽ tão pouco diso etende como se costuma: q̄ toda a obra será jimperfeita e jndina de tão glorioso sãto como he a que se faz, e de tão eycelētissimo Rey como he o q̄ a mãda fazer, e jndina tãbẽ de tão jlustre cidade como he a que a faz.

Hu so seruiço ou lembrança lhe deixo neste caderno, se me DEOS leuar primeiro q̄ esta IGREIA se acabe, q̄ he este q̄ deixo ẽ desegno: e isto polo q̄ deuo a DEOS e a este Santo, e tãbẽ ão seruiço de V. A., q̄ he a lembrança de hua grade ou reixa, q̄ muyto jmporta ter a IGREIA ao redor, assi por sua mayor magestade e ornamento, como para se defender dos muytos casos a q̄ está aquela santa casa disposta a sofrer e a padecer do pouo, somẽte por estar no lugar ẽ q̄ foi sitiada; q̄ jnda q̄ muytas cousas tẽ boas (por não ser dos q̄ tudo tachão) esta parece q̄ se não vio de longe; a qual he grãde se não se remediar con esta grade de metal ou de marmore q̄ aqui lembro. Quãto ao desegno dos retaulos e de tudo o mais, eu o deixo a outrẽ q̄ o melhor saiba fazer.

## CAPITULO XI

## DA CAPELLA EM LOVVOR DO S. SACRAMENTO

A bondade nē perfeição de qualquer liuro ou obra, não se conhece se não pola etêção ou FIM do por q̄ se faz e isso a faz. boa, ou má, ou jndiferente; por onde, este piqueno caderno se não tiuera seu FIM bē ordenado, eu nūca o posera ē execução, segundo as muytas tentações e motiuos q̄ para o não fazer me tē dado a malicia do tempo; dizendome algūs grādes homēs, q̄ não seruia de nada isto agora, e q̄ escusadas erão estas minhas lembranças neste tempo, e q̄ doutras fabricas e edeficios se trataua; e outras muytas cousas q̄ não digo. Ajutousse a isto, não me responderē Vossas Altezas como esperaua, nē os despachadores, e q̄ na cidade ha iniquitas & contraditio. Polo q̄ estiue para romper este liuro algūas vezes, ou ao menos vendelo tā caro ao tempo como fez ao seu vltimo liuro a Sybila ē Roma, que nūca o quis dar por menos do q̄ pedia por todos os outros juntos q̄ tinha queimados, por lhos não merecer o povo e o senādo de Roma; mas jnda q̄ o de Lysboa tão mal mo a mi merece, lembrādome do FIM, que he DEOS por q̄ o faço e tabē não me esquecendo q̄ o tinha prometido a V. A., quādo lhe dei a medalha do Perfeito Rey pintada na figura d'Alexādre, e q̄ tabē o dixeu para o fazer: determinei de romper por todas estas tētações e ēfadamētos do tempo, e de fazer este piqueno seruiço a V. A. e á minha Patria, jnda q̄ por uētura o terá ē pouco, e antes queria outra cousa q̄ estas lēbranças. Tornādo pois ao FIM q̄ pretendo, cō o vltimo seruiço q̄ he de mayor jmportācia q̄ todos os q̄ até aqui tenho lēbrado, quero dar termo a este caderno, tão desornado de palauras e ystilo rectorico, como rico de boa vontade.

Depois q̄ V. A. muyto serenissimo Rey e Sñor, tiuer feito ē Nosso SÑOR DEOS, mais q̄ ē pedra e cal, fortaleza e castello, portas e muros á cidade antiga de VLYSSES, chamada por Julio Cesar, quando a ella veu, Foelicitas Julij Olisippo; depois q̄ a tiuer fortalecida, ornada e fermosētado cō seus paços como dixeu, depois de a ter recreado cō rios e nouas fontes, trazēdo a ella Agoa Liure; depois de a ter jncaminhado e aos q̄ a ella vē cō vias e estradas e pontes, depois de a ter lymitado cō marmoreas e altas CRVZES ē as metas dos caminhos; quieto este Reyno de todo, a India conseruada, e Africa ja vencida, justo será q̄ V. A. faça o vltimo edificio de sua memoria. edificando ē gloria e hōrra do santissimo SACRAMENTO hūa magnifica capella, ali onde foi do Ereje tão mal tratado, na sala del Rey vosso avó ē o tempo das festas do casamento dos m.<sup>to</sup> serenissimos principes Dom João e Doña Joana, vossos gloriosos pay e may. E mais sois a isto obrigado, e pertēce esta obra de dereito a V. A. por q̄ quāto mais os pecadores querē abater e anichilar a hōrra do altissimo DEOS, q̄ nūca pode nē poderão, nē possão fazer, tanto mais os justos e catholicos reys (q̄ estão ē seu lugar no Mūdo para acudir por sua hōrra) a deuē de acrecētar e leuātar, magnificar, e ēgrādecer. E pois o santissimo SACRAMENTO foi tão mal tratado de hū torpe e abominauel ereje, na sala del Rey vosso avó, toca a V. A., como muyto cathólico Rey q̄ he, e do christianissimo sangue e genelosia dos taes,

q̄ naq̄le mesmo lugar e sala faça edificar (como he dino) hũa sũptuossissima IGREIA ou Capella ẽ gloria e exaltação e memoria do Santissimo SACRAMENTO. A qual ha de ser de obra e pedras jlustradas, e de ouro, e prata, e pintura, e architectura, a mais escolhida e jminẽte q̄ aja na IGREIA de DEOS (e se não, não se faça): a qual fique ẽ sua gloriosa e vossa memoria ẽ quãto o mũdo durar, e tabẽ por Capella dos Reys q̄ depois virão.

E nella, como ẽ fazimento de graças polas grãdissimas mercês q̄ de nosso altissimo SÑOR DEOS. V. A. tẽ recebido, e q̄ spera q̄ ao diãte receberá; e tabẽ, pola saude q̄ sua Magestade tornou a Lysboa tão milagrosa, como ẽ trofeo e despojo de seus santos votos e catholicas empresas, cõ eycelente e antigua e moderna architectura e desegno a ornará; fazendo nouo e marauilhosu retauolo e novas sepulturas para seu bẽauẽturado jazigo, daqui a muytos años; imitando nisto e ẽ toda virtude e magnificencia aos reys seu bisauo e avó: e a magnifica obra q̄ fizerão ẽ BELEM. Por q̄ se el Rey q̄ DEOS tẽ viuera, elle ouuera destimar muyto esta minha lembrança q̄ era m.<sup>to</sup> sua, e ouuera de a efectuar e fazer tão magnifica e jlustre como eu desejo, e assi ouuera de fazer (como me dezia) hũa capella na cadea do Limoeiro para os presos ouvirẽ cada dia Missa, q̄ era hũa grãde obra de misericordia, e q̄ tabẽ V. A. deue madar fazer. E tornãdo á Capella do sãtissimo SACRAMENTO, aqui deixo della hũa muy piquena lembrança. por sombra da sombra do q̄ nisso ẽtendo q̄ podia fazer; por q̄ apenas sãdo Lysboa feita hũ papel caberião nella os desegnos q̄ nisso faria e ẽtendo q̄ a tal obra merece, quãto mais neste quarto de folha.



## CAPITULO XII E FINAL

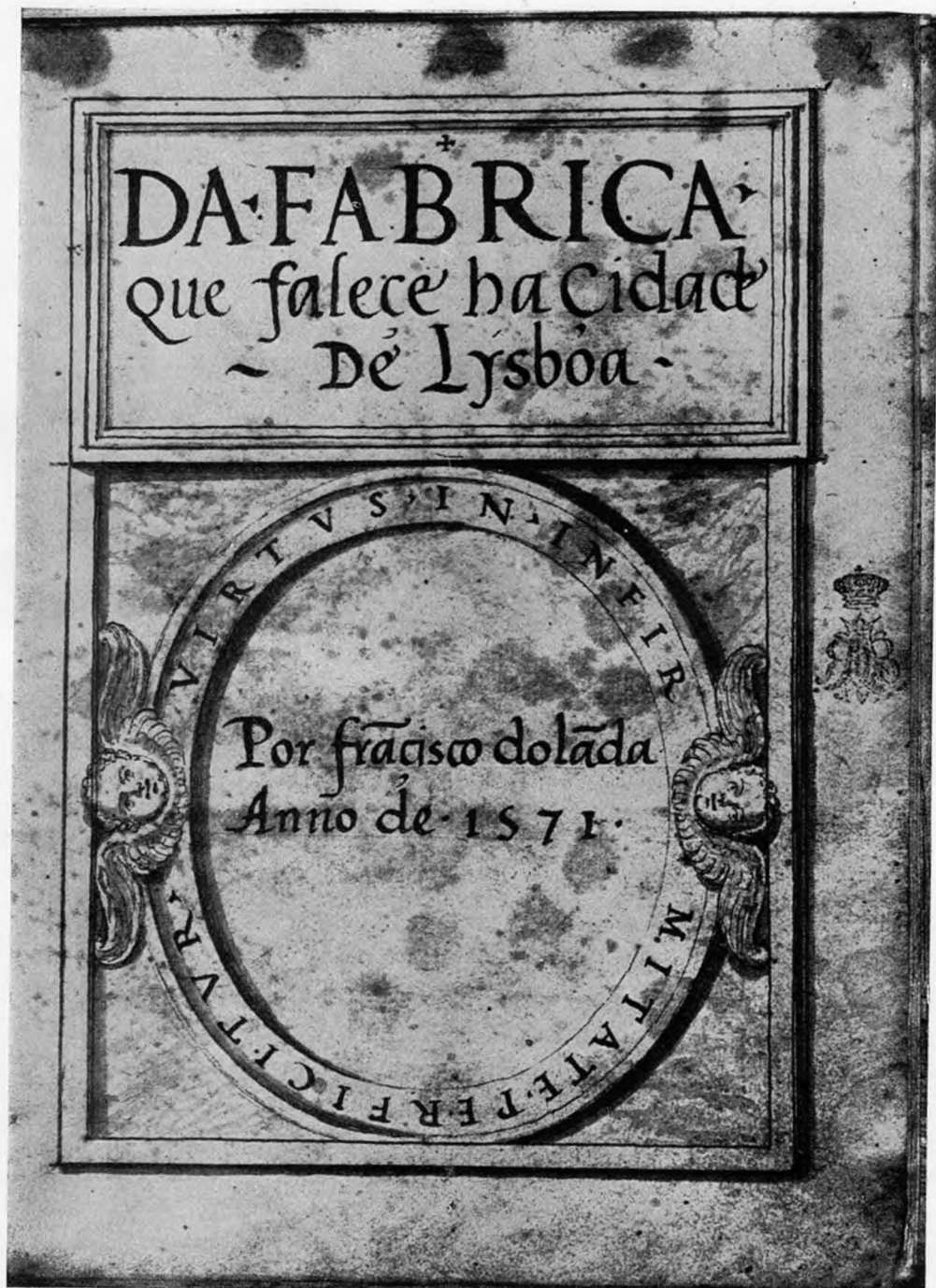
### DA CVSTODIA DO S. SACRAMENTO

Parece justo acabar esta empresa de minhas lembranças, na CVSTODIA do Santissimo SACRAMENTO; daqual aqui deixo algũa noticia e desegno, muy pobre e estreito para o q̄ nisso podera fazer se tiuera o spirito cõ perfeito cõtentameto; e não se acharia logo assi nẽ ẽ todo o orbe da terra quẽ me podesse satisfazer ao q̄ ẽtendo q̄ esta obra merece; porq̄, q̄de q̄ idea diuina ou de q̄ ẽtendimẽto, ou de q̄ estrellas do Ceo, ou de q̄ arco de Iris, ou de q̄ especie poderiamos nos fazer nẽ ymaginar a obra de tão diuina CVSTODIA como esta merece ser? Não me atreuo eu certãmete a podella invẽtar por mais presũção, e má de cõtẽtar q̄ conheço ter no intẽdimẽto; por isso perdoeme o SÑOR DEOS de me atreuer fazer lhe tão fraco desegno para CVSTODIA do seu preciosissimo corpo a q̄ tanto deuem. Por q̄ não ha duuida senão q̄ se eu podera e ẽ mi fora, eu ordenara q̄ todos os corações dos anjos, e dos santos, e santas, e o de V. A., e o de todo Portugal, e o meu: q̄ de todos se fizera hũ so coração de toda a fermosura e vniam da IGREIA militante e da triunfante, e q̄ elle fora

esta CVSTODIA q̄ tão fracamente de mi he designada por termo desta empresa. Mas, como de longe estes meus desejos me gemẽ dentro nalma, como q̄ são somẽte imaginados e incertos do FIM q̄ terão, ou que lhes dará o SÑOR, nã quero passar daqui. Outros, serenissimo Rey, tereis ẽ vosso Reyno q̄ vos servirão ẽ muytas cousas nobres e proueitosas e m.<sup>to</sup> melhor, e cõ muyto mayor discrição e autoridade. Mas eu não ẽtendo nẽ sey mais, nẽ ajnda tanto como neste breue caderno tenho mostrado; de q̄ peço grãde perdão a DEOS e a Vossa Alteza. E tudo ẽ louvor e gloria de sua Diuina e Altissima MAGESTADE.

☛ L A V S D E O ☛

FIM DA LEMBRANÇA DE LYSBOA



Frontispicio da obra (0,175x0,121), fl. 2.



3

†

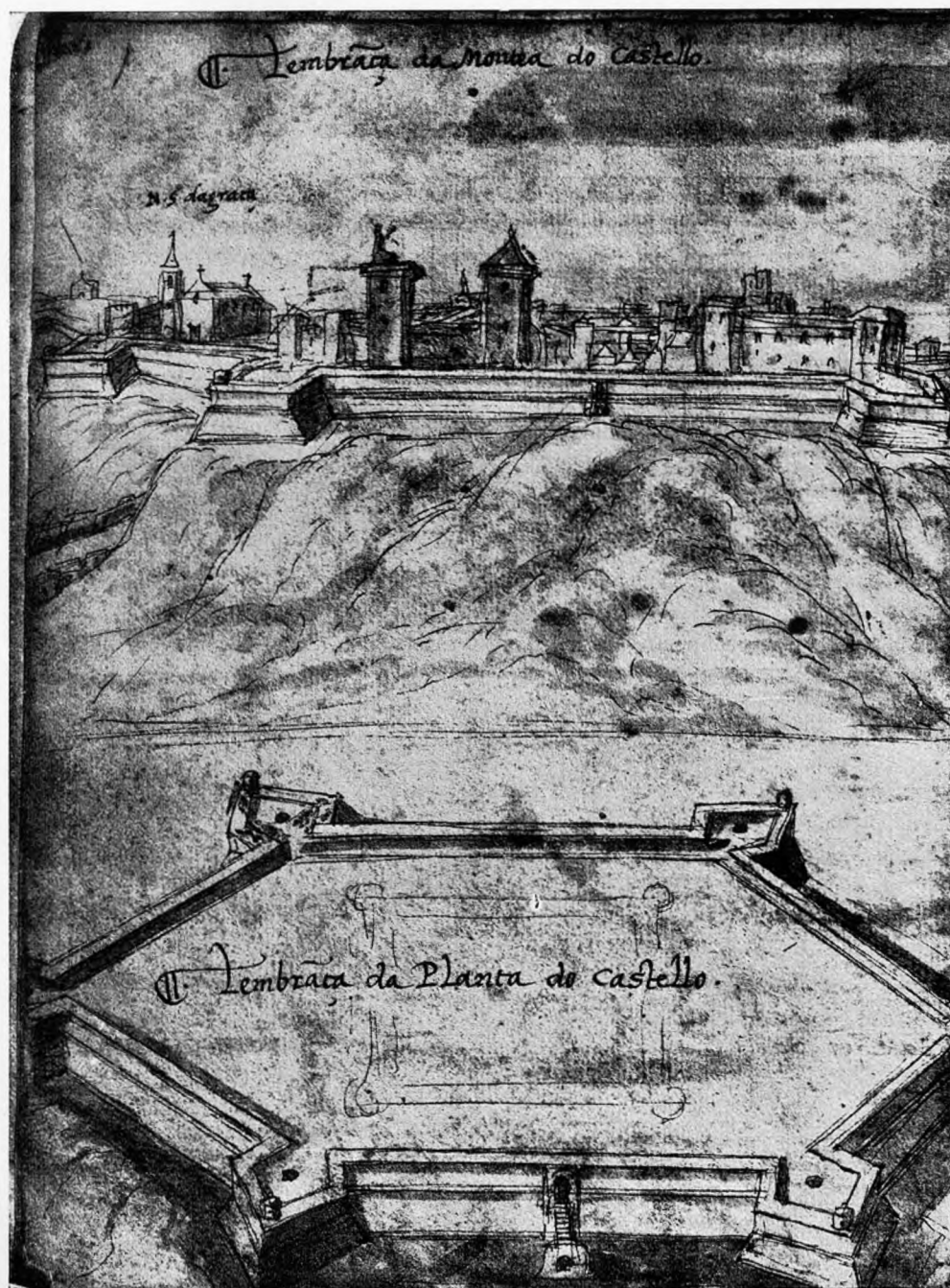
**LEMBRANCA**  
 Ao muyto Serenissimo e Chris-  
 tissimo Rey Do Sebastião  
 Sobre a fortificação e Reparo  
 de Lysboa.\*

**T**em tanto Cada hũ de nós q̃ fazer e aser-  
 tação e Reparo de Sua Almayã, e no Reyno  
 da Spiritudal Cidade della, q̃ bẽ podera  
 eu Disimular por agora de thatar da for-  
 tificação e Reparo do Reyno e Cidade ma-  
 terial de Lysboa. mas por não ser ingratu-  
 ha Gloriosa Memoria del Rey vosso a voq̃  
 DEOS tem, q̃ me mandou sendo eu moço a  
 Italia vir e desognar as fortalezas e obras  
 mais Insignes e Ilustres della (Como se  
 Trezendo-lhas todas e Desegno. Co muyto  
 tra balho, Cuidado e perigo meu: pa. o Servir  
 Quando Comprisse: Ja q̃ por Culpa do Tem-  
 po muita se a prouetaramo demi, e muitas  
 obras e q̃ podera Seruir este Reyno com  
 o piqueno talento meu: Determino, ajuda  
 q̃ sendo ao presẽte muy Logo destas Coizias



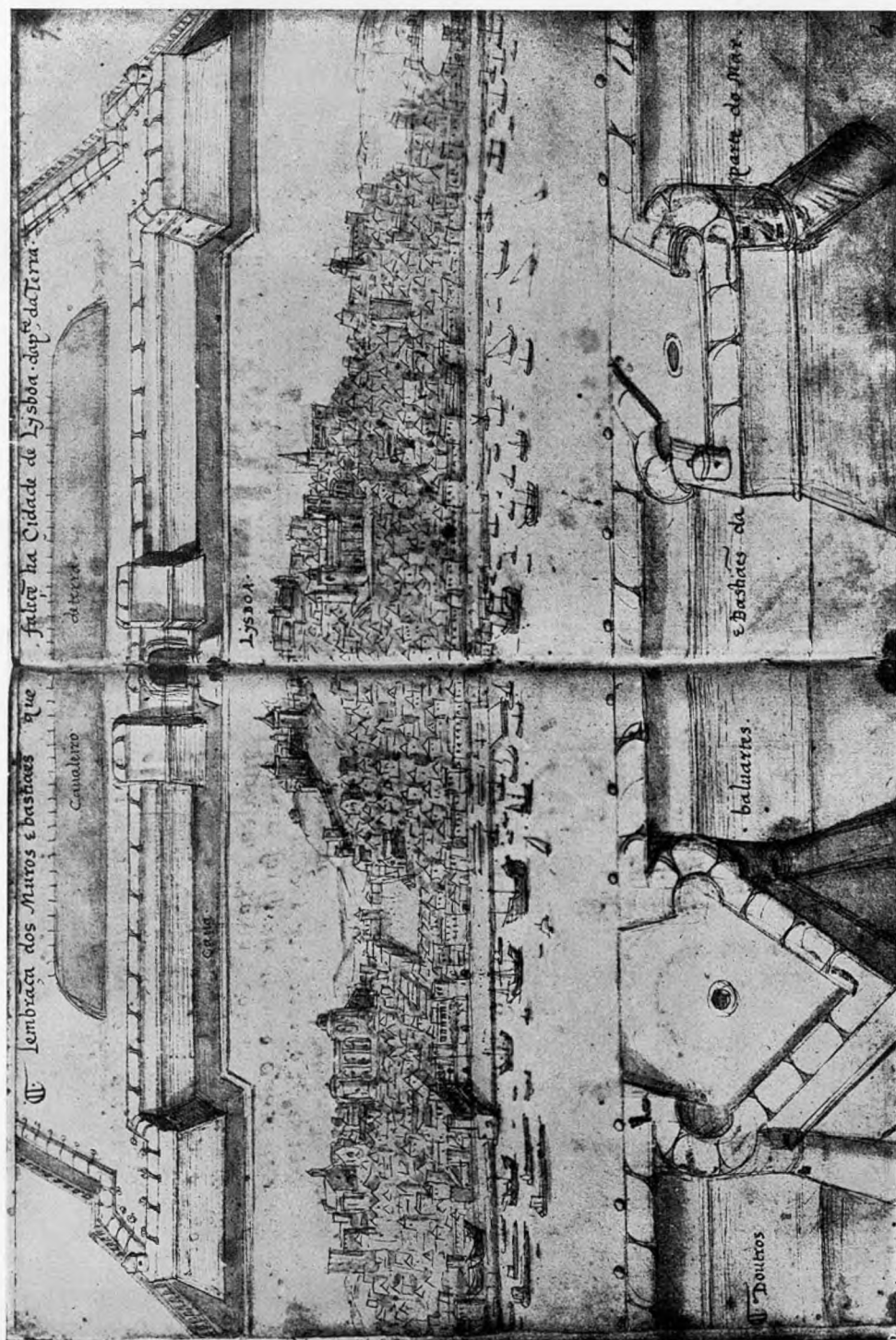






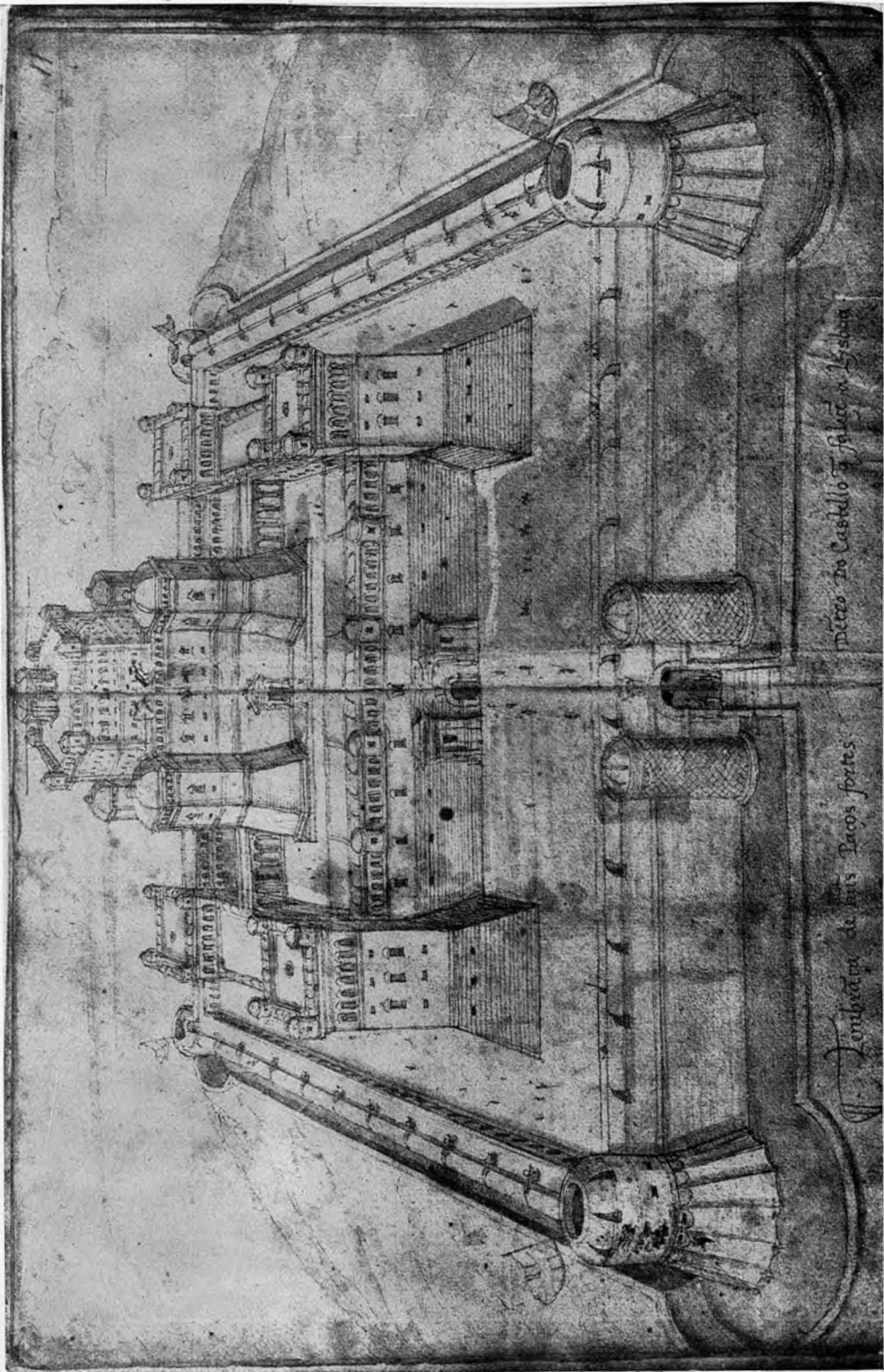
Lembrança da Montea do Castello.—Lembrança da planta do Castello (fl. 9 v.º)





Lembrança dos Muros e bastiaes que falecê ha Cidade de Lysboa da p.te da Terra.—Doutros baluartes e bastiaes da parte do Mar (fls. 8 v.º e 9).



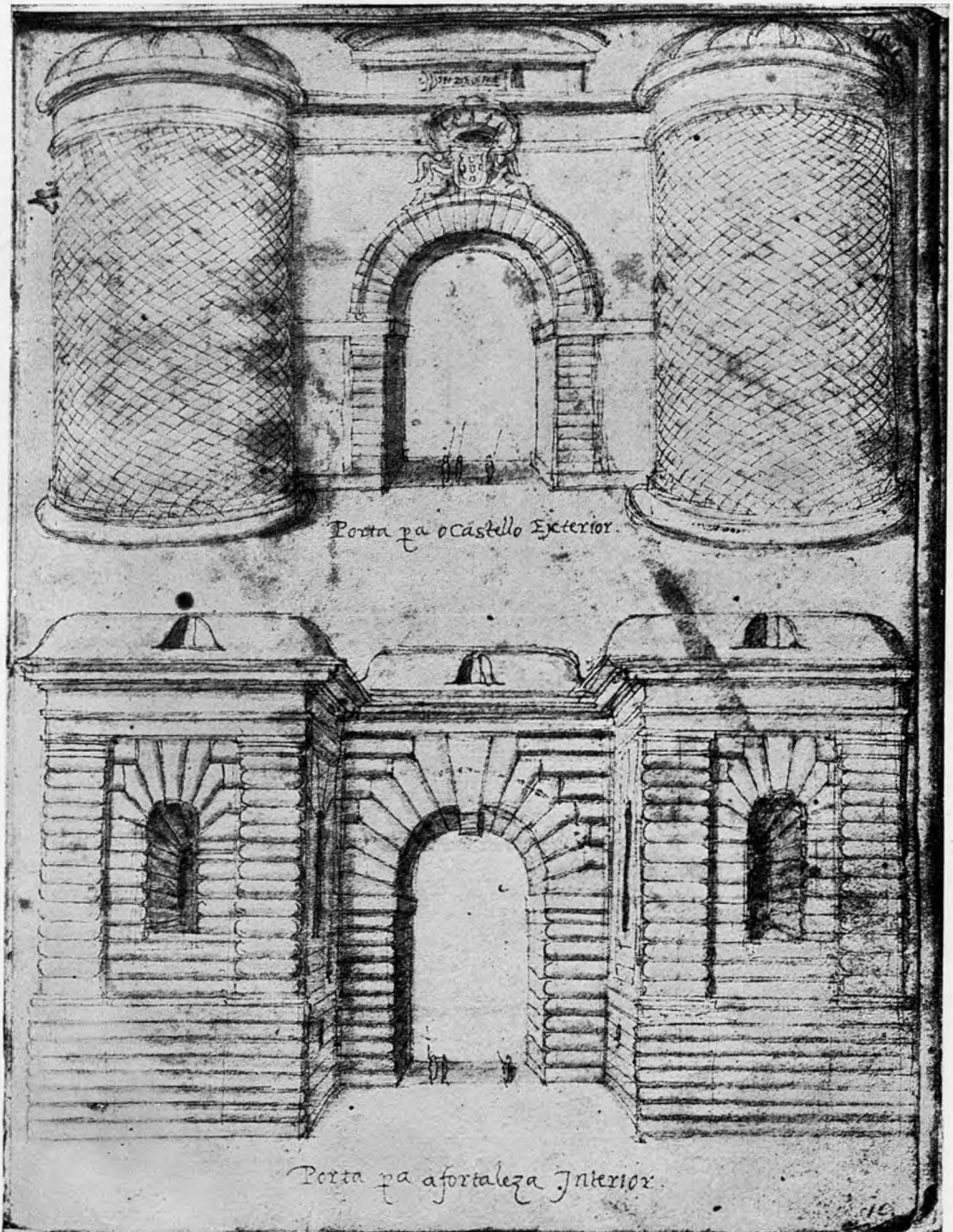


de dentro do Castello q̄ falecē a Lysboa

Lembrança de hūs Paços fortes

Lembrança de hūs Paços fortes dētro do Castello q̄ falecē a Lysboa (fl. 10 v.º e 11).





Porta para o Castello exterior.—Porta para a fortaleza interior (fl. 10).





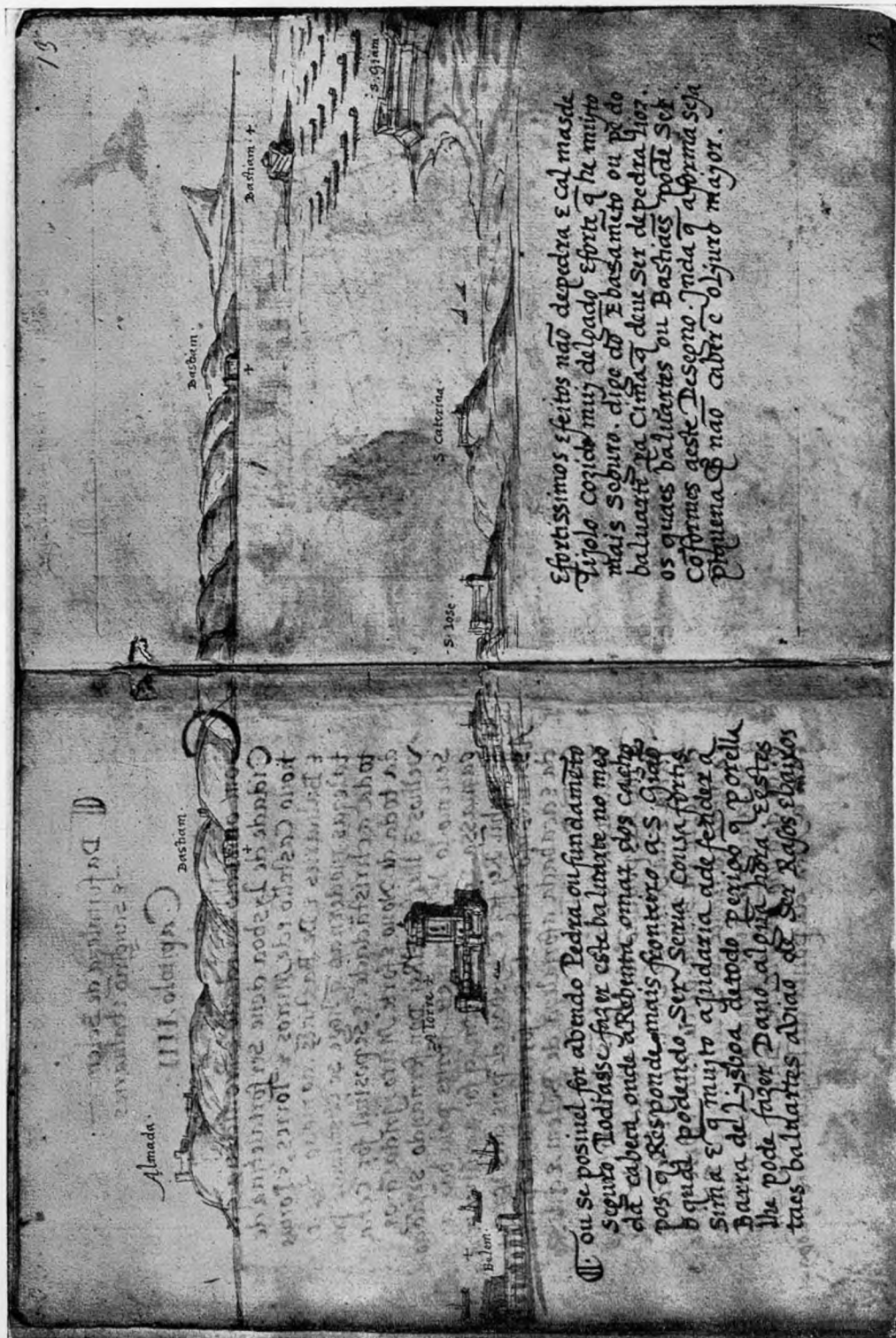


Lembrança das portas q̄ falacē a Lysboa (fl. 8).



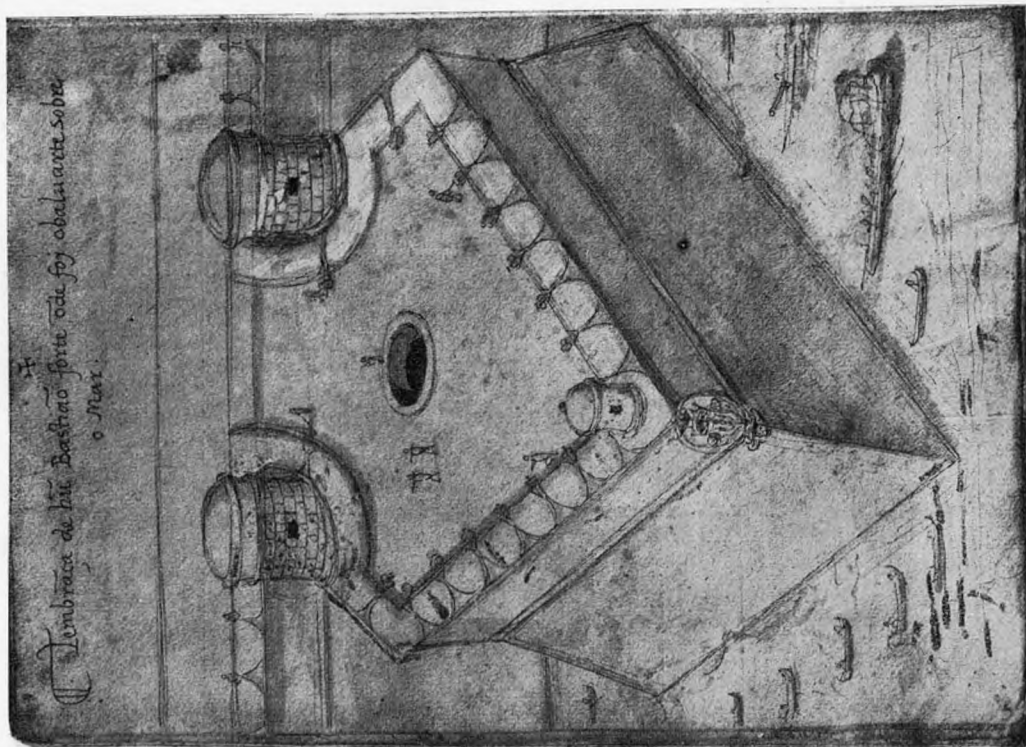
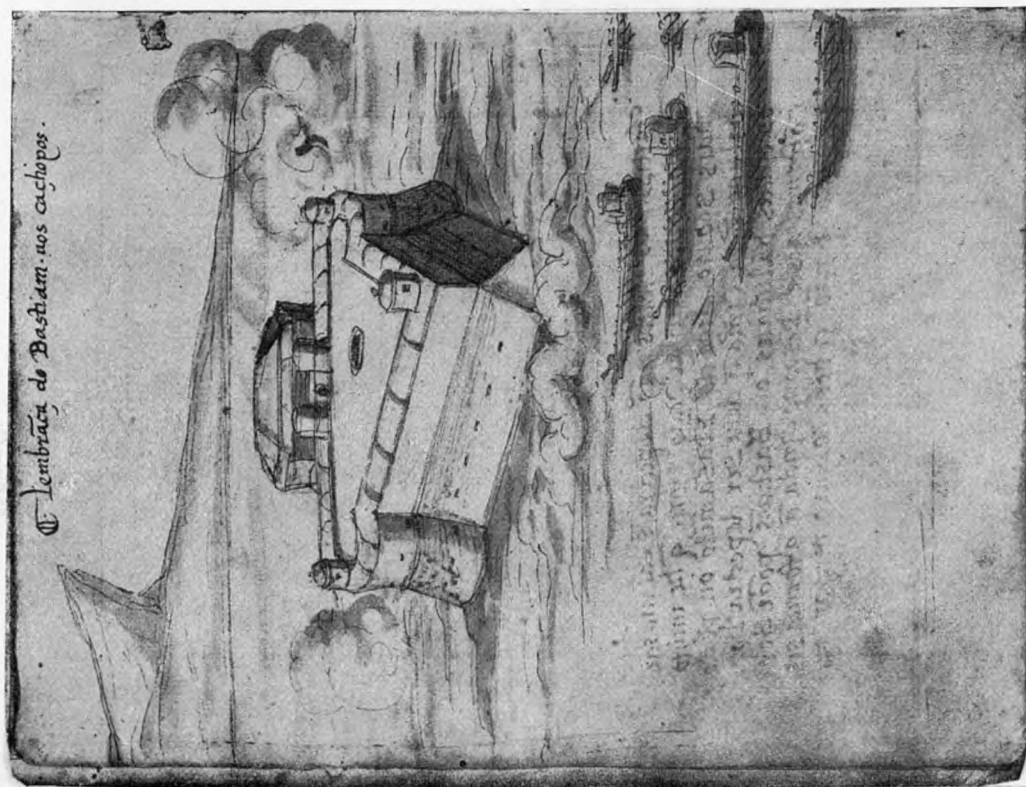
Lembrança da fonte para as Naos na Ribeira (fl. 18).





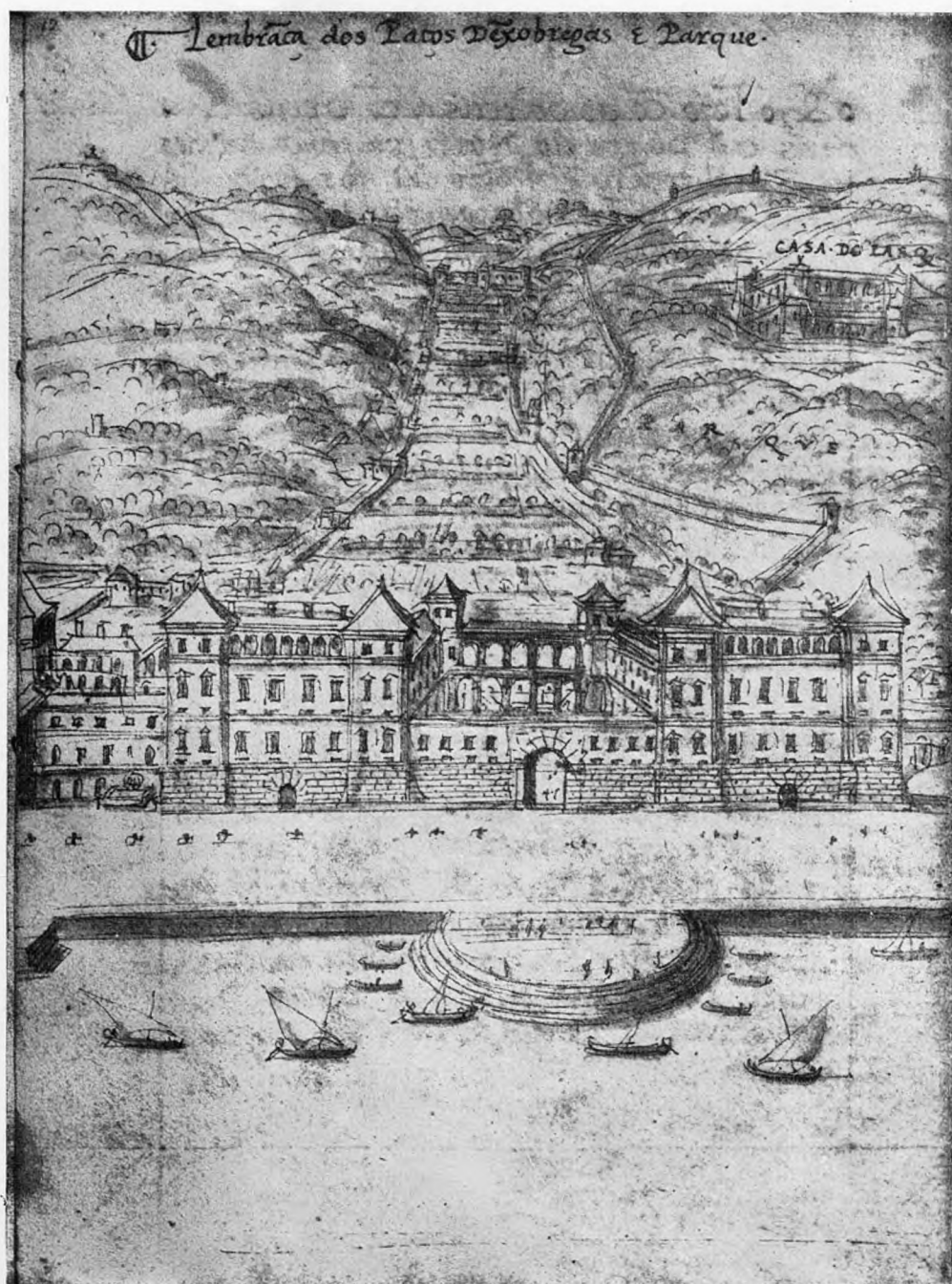
Perspectiva das margens do Tejo até S. Giam (fls. 12 v.º e 13).





1. Lembrança do Bastiam nos cachopos (fl. 13 v.<sup>o</sup>).—2. Lembrança de hũ Bastião forte ôde foi o baluarte sobre o mar (fl. 11 v.<sup>o</sup>).





Lembrança dos Paços d'Exobregas e Parque (fl. 16 v.º).





Da Fonte e Lago de Agoa Livre.



Lembrança da fonte da goa livre trazida ao Resio.



Estas letras estão no Arco do meio da Ponte.

IMP·CESARI·DIVI·NERVÆ·F·NERVÆ·TRA  
IANQ·AVG·GERM·DACICO·PONTIF·MAX·TRIB·  
POTES·VIII·IMP·V·CONS·V·T·P·

Estas  
sobre stas

MUNICIPIA·PROVINCIA  
LVSITANIÆ·STIPE·CONLATA  
QVÆ·OPVS·PONTIS·FECER·  
ICEDITANI·LANCIENS  
ES·OPPIDANI·INTER  
ANIENSES·COLARNI·  
LANCIENSES·TRANSCV  
DANI·ARABI·  
MEDVBRICENSES·  
ARTABRICENSES·  
BANIENSES·  
DESURES·

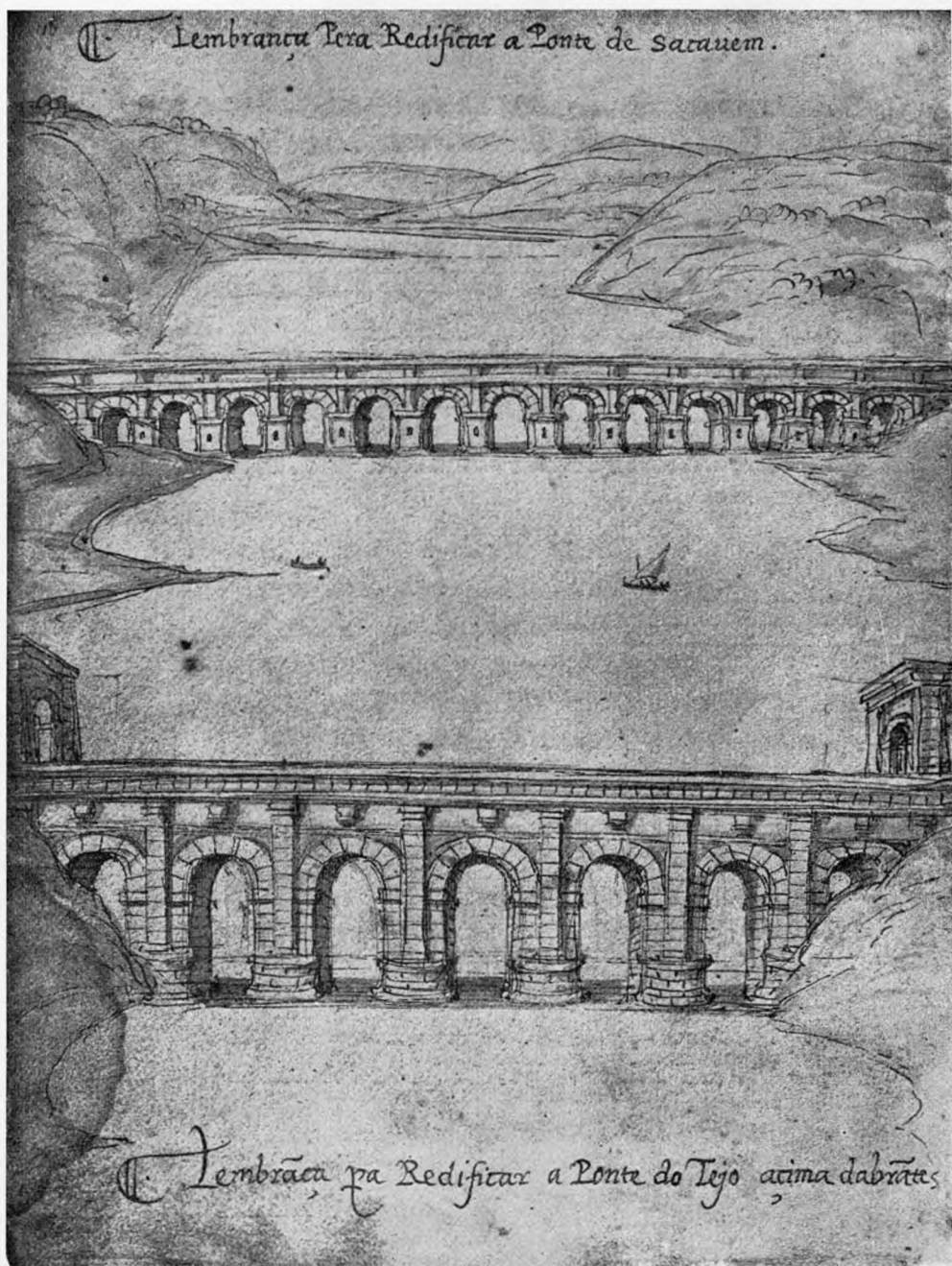
nos Pilares.  
Maos de metal.

FEYTA·AO·IMPERADOR·TRAIANO·



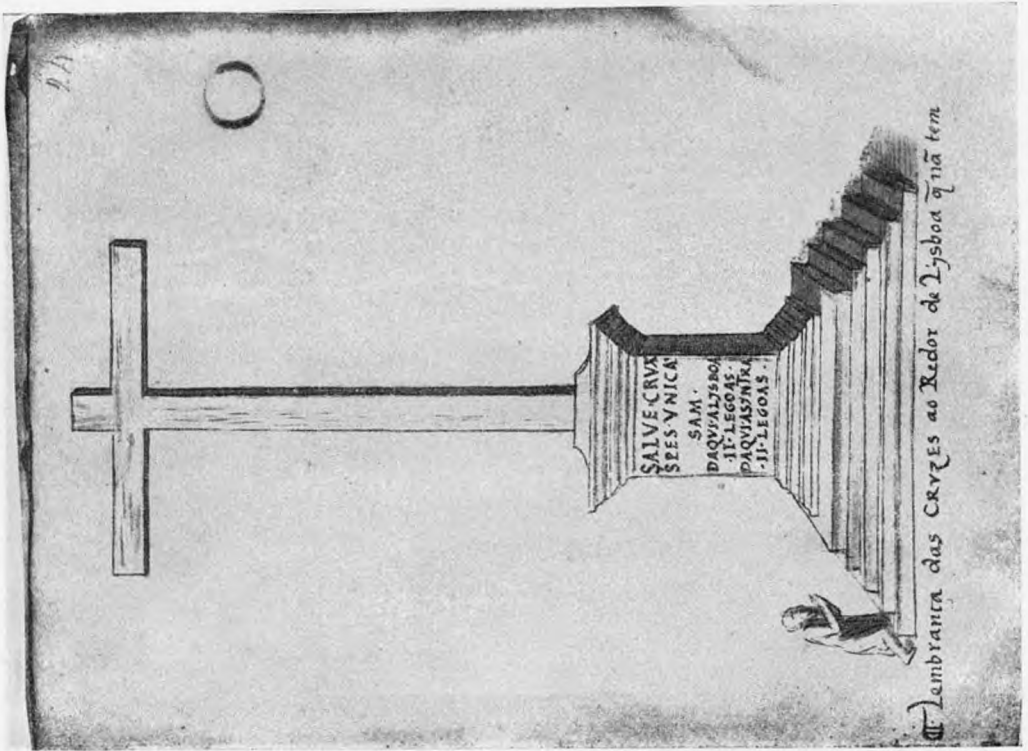
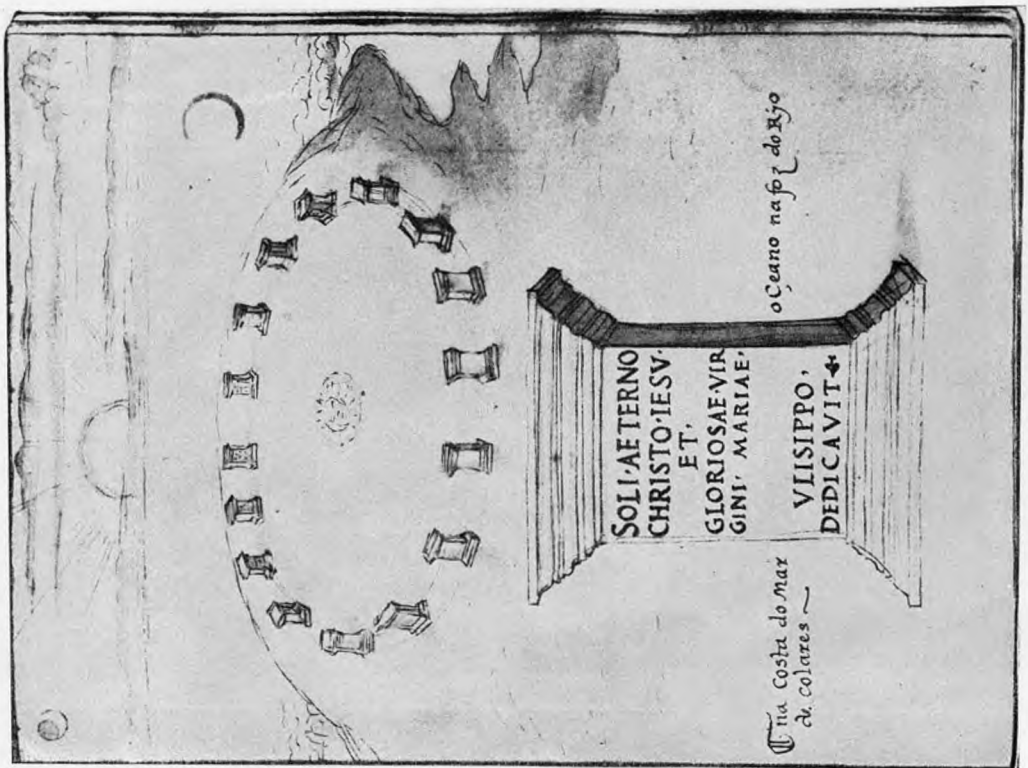
Inscrição da ponte de Alcântara. Vista da ponte com o arco e templo (fls. 21 v.º e 22).





Lembrança pera redificar a Ponte do Sacavem.—Lembrança pera redificar a Ponte do Tejo, acima dabrãtes (fl. 22 v.º).





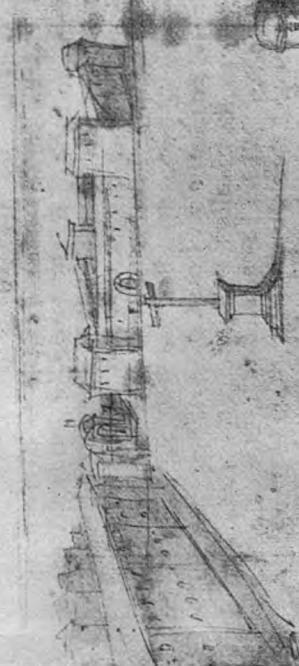
1. (Cipos) na Costa do Mar Oceano na foz do Ryo de Colares (fl. 25).—2. Lembrança das cruzes ao redor de Lysboa q̄ nã tem (fl. 24).

V. "Visgem a felipett", p. 1. B. Lavande



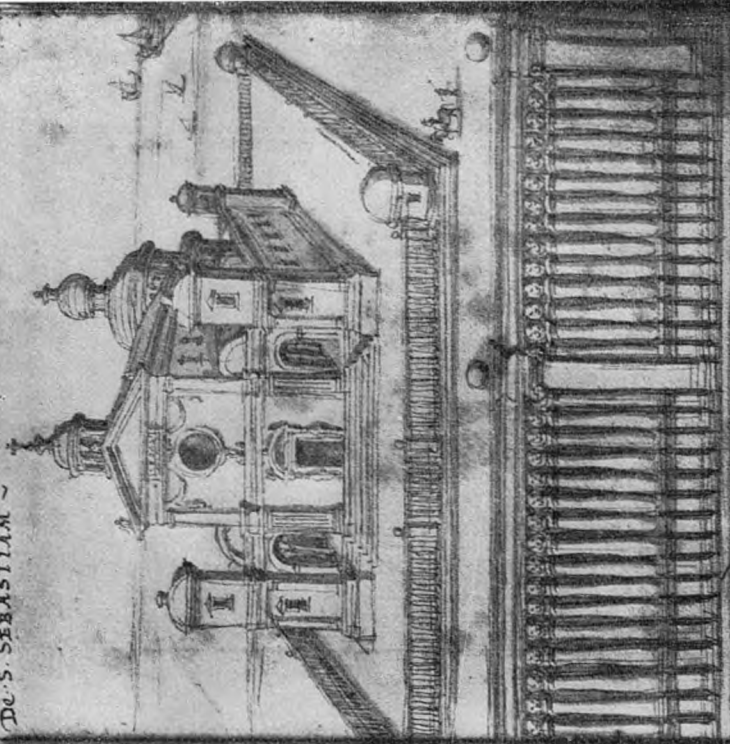


101  
Lembrança da Grade q̄ deu ter a Noua Igreja.



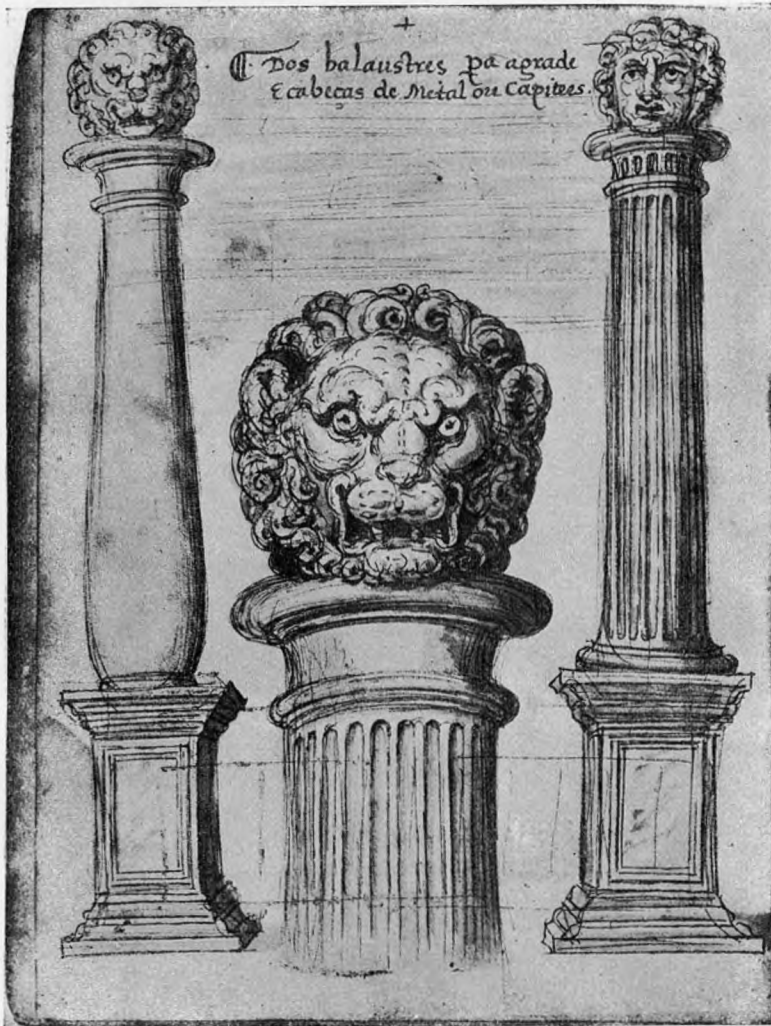
Tambẽ ao serviço da V. A. q̄ He a lembrança de  
hũa grade ou Reixa q̄ muito tempo ha ter  
A IGREJA do Redor. assi por sua maior  
maestade e ornamento; Como para se di  
fender dos muytos casos a q̄ esta igreja  
Santa Casa, e Sofrer se apadecer do pouo so  
mãe por estar no Lugar e q̄ foi Sertado  
q̄ fnda q̄ muytos dias se fe boas q̄ nas Ser.  
dos q̄ tudo tachado esta paço q̄ senão vio  
de longe. A qual he grade se não se Remediar.

DE S. SEBASTIAM ~



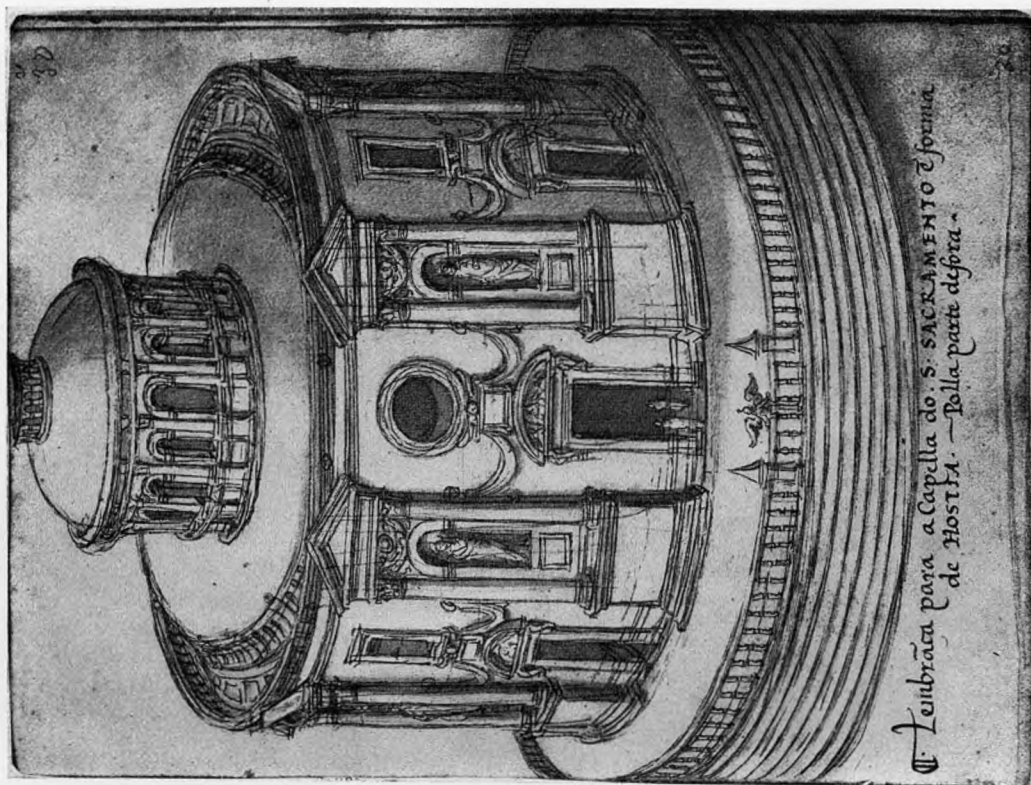
Com esta Grade de metal em de Mar more  
q̄ aqui lembro. quanto ao Desegno dos Re  
famblos e de tudo o mais eu deixo aonte  
q̄ omilhor Saiba fazer.



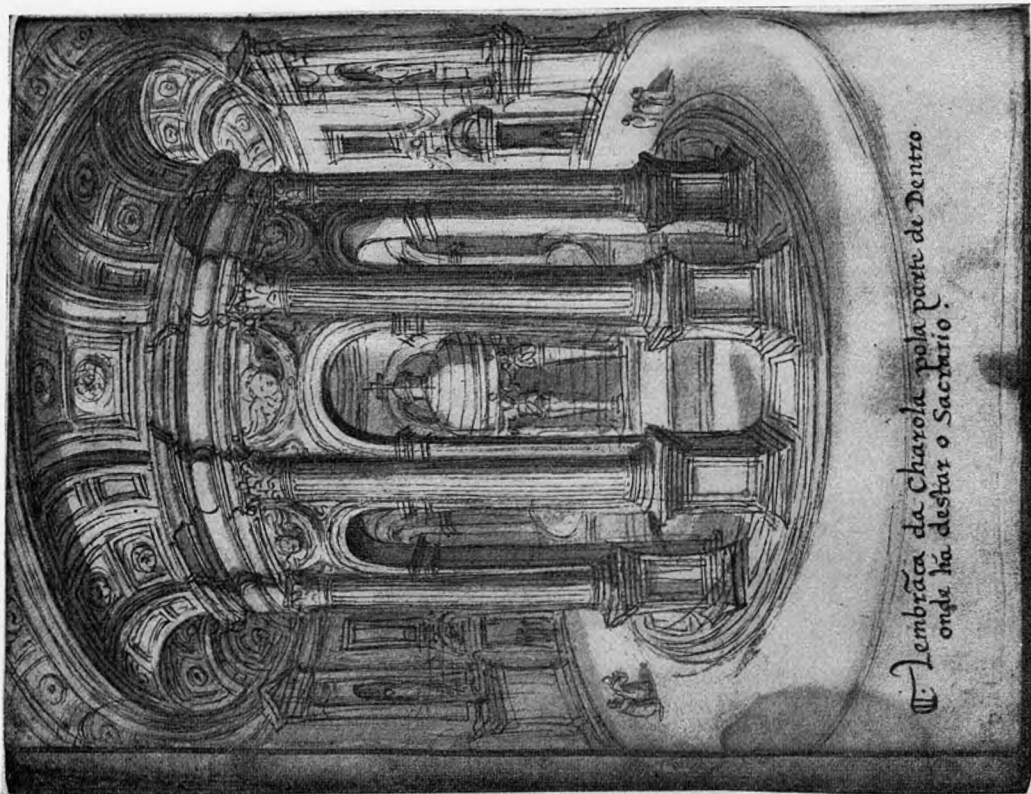


Dos balaustres para a grade e cabeças de metal ou capitees (fl. 27 v.<sup>o</sup>).





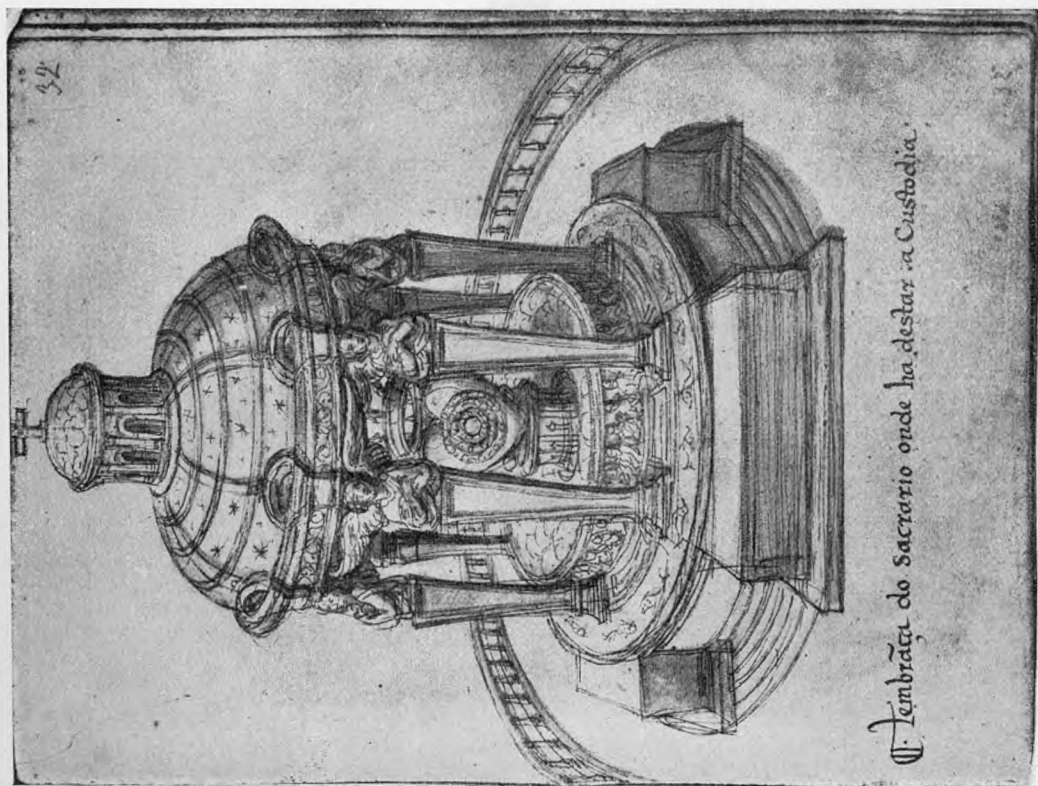
1. Lembrança para a Capella do S. SACRAMENTO e forma de Hostia. — Polla parte de fora (fl. 30). — 2. Lembrança da Charola pola parte de dentro onde ha destar o Sacratio (fl. 30 v.º).



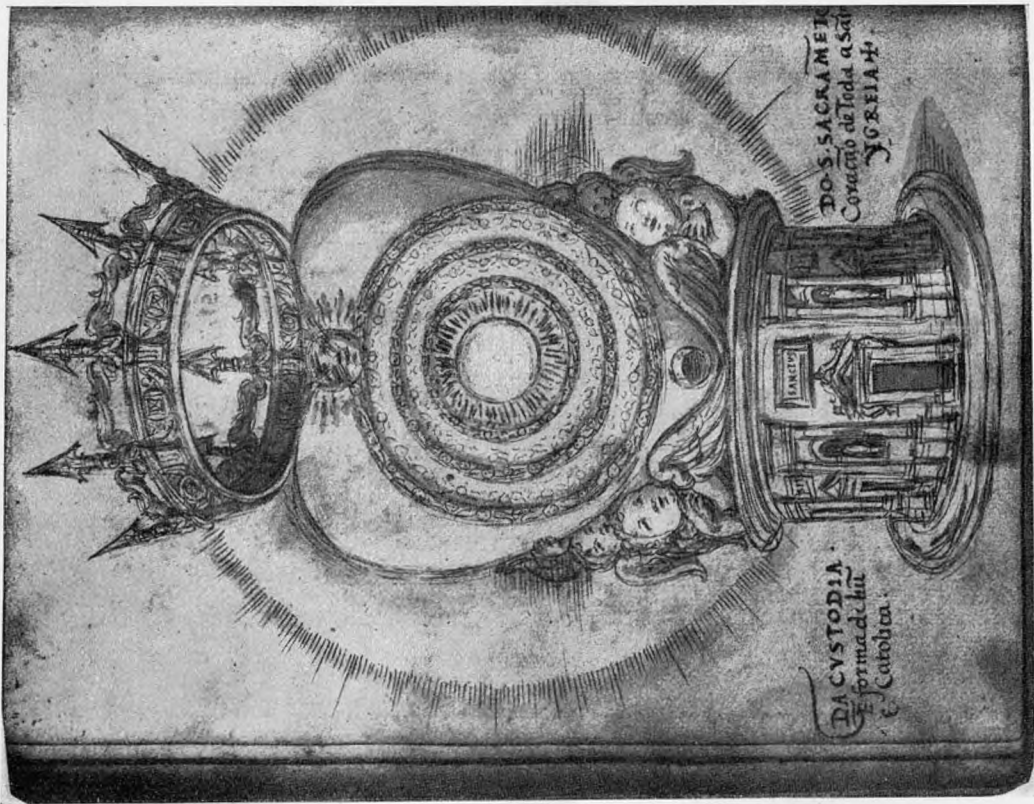
2. Lembrança da Charola pola parte de dentro onde ha destar o Sacratio.

1. Lembrança para a Capella do S. Sacramento e forma de Hostia. — Polla parte de fora (fl. 30). — 2. Lembrança da Charola pola parte de dentro onde ha destar o Sacratio (fl. 30 v.º).





Lembrança do Sacristia onde ha de star a Custodia.



I. Lembrança do Sacristia onde ha de star a Custodia (fl. 32).—2. Da Custodia do S. Sacramento e forma de hũ coração de toda a S.ª e catolica Igreja (fl. 32 v.º).



<http://biblioteca.ciarte.pt>